

d,

# SATYRAS

## EPIGRAMMAS E OUTRAS POESIAS

PELO PADRE

JOSÉ JOAQUIM CORRÉA DE ALMEIDA

NATURAL DA CIDADE DE BARBACENA, PROVINCIA DE MINAS GERAES.

OFFERECIDAS A SEU AMIGO

O DESEMBARGADOR PEDRO DE ALCANTARA CERQUEIRA LEITE.

Tu dás golpes nos costumes,  
E cuidão que é nas pessoas.

(NICOLÁO TOLENTINO.)



RIO DE JANEIRO

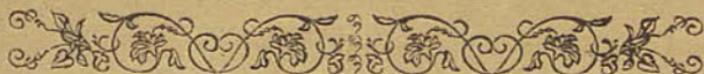
EM CASA DE

EDUARDO & HENRIQUE LAEMMERT

Rua da Quitanda, 77

1862





# PROGRAMMA

## I

Para que ninguem accuse-me  
De ignorancia dos estilos,  
Para que não vão feri-los  
Os meus versos rebellões,  
Dou meu programma poetico,  
Previno interpellações.

## II

O bom systema das camaras  
Assaz convém que se adopte,  
Mostrando não ser *peixote*  
Na *giria* parlamentar,  
Diga o vate despropositos,  
E faça castellos no ar.

## III

Aqui termino o preambulo,  
E passo a tratar do assumpto ;  
Se mel pelos beiços lhe unto,  
O leitor deve-me ouvir  
Com essa paciencia *jobica*,  
E sem tugar nem mugir.

## IV

Sou de memoria fraquissima,  
Não me prêzo de erudito ;  
O periodo mais bonito  
Não poderei plagiar,  
Nem o auxilio da mnemonica  
Me habilita a decorar.

## V

Apenas o breve adagio  
De espaço a espaço contemplo,  
Como seja, por exemplo,  
— *Cá e lá más fadas ha.*—  
Tambem aprecio as maximas  
Do marquez de Maricá.

## VI

Se, portanto, sou laconico,  
Um motivo me constrange;  
Minha idéa não abrange  
As materias de extensão,  
Sómente as de curto folego,  
Sem character de sermão.

## VII

Do latino magisterio,  
 Onde expio os meus peccados,  
 Tiro poucos resultados,  
 O que me afflige e me dõe;  
 Ôlho para os livros classicos,  
 Qual para palacio o boi.

## VIII

Cada dia controversias,  
 E nova difficuldade  
 Comprovão a realidade  
 Do negativo saber;  
 Vou ensinando aos discipulos  
 O que inda não pude aprender.

## IX

O systema *castro-topico*  
 Deixou-me o queixo caído,  
 Ou, antes, perdi o sentido  
 Ficando fóra de mim,  
 Quando soube que era *Kikero*,  
 E não *Cicero* em latim.

## X

Na theoria, na pratica  
 Quanta incerteza apparece?  
 Quem diria que tivesse  
 Sempré o—C—o som de —K—?!  
 A respeito de minucias  
 Quanto equivoco não ha?

## XI

Que á vista do auctor da Iliada  
 Os vates erão pequenos,  
 Ou de merito somenos,  
 Dizia Horacio mordaz ;  
 Mas applaude Sapho e Pindaro,  
 E Anacreonte lhe apraz.

## XII

Aproveito o corollario,  
 E posso affimar que os vates  
 Têm seus diversos quilates,  
 Ou differença de grãos ;  
 Se alguns não passam por optimos,  
 Tambem não passam por máos.

## XIII

Se o mencionado satyrico,  
 Que, por logico e prudente,  
 Não soffre de incoherente  
 A menor imputação,  
 Quer que aos poetas mediocres  
 Não se faça concessão,

## XIV

Emquanto o rigor da critica  
 Não inventa qualquer mola,  
 Nem nos impõe a bitola,  
 Padrão, matricula, ou rol,  
 Canto nos côros unisonos  
 Do, re, mi, re, mi, fa, sol.

## XV

Uns poetas sacchariferos  
 Apurão tanta doçura,  
 Que se tornão rapadura  
 Os seus versos de primor,  
 E os refinados epithetos  
 Só os corrompe o bolor.

## XVI

Parece-me que seus viveres  
 São o nectar e ambrosia,  
 Que um Ganymedes traria,  
 Sonogados lá do céu,  
 No bolsiculo da gondola,  
 Ou na côpa do chapéo.

## XVII

Da mais flórida rhetorica  
 O delicioso perfume  
 Por bem do olfato resume  
 Exhalações de jardim  
 Onde vegetão anemolas,  
 Violetas, e jasmim.

## XVIII

Tudo nelles é fragrancia,  
 Tudo fragrancia de rosa  
 Purpurea, bella, mimosa,  
 E (sem ser homem) gentil,  
 Qual *papa-cêa* na abobada,  
 Qual estrella em céu de anil.

## XIX

Remédão solfejo ou musica  
 Seu cadente metro e rima,  
 Do bordão até a prima,  
 Da prima para o bordão  
 São as escalas chromaticas  
 De perfeita exactidão.

## XX

Não imito, não sou emulo  
 De tão cadenciosos bardos ;  
 Os meus versos são bastardos,  
 E os delles são de alfenim ;  
 Se tangem lyra Apollinea,  
 Não succede tanto a mim .

## XXI

Nos epigrammas, nas satyras  
 Attendo mais ao conceito,  
 E muitas vezes acceito  
 Medida pouco feliz,  
 Se a palavra tem o prestimo  
 De explicar o quanto eu quiz.

## XXII

Afóra os taes panegyricos,  
 E incensos á queima-roupa ;  
 De applaudir alheia sopa  
 Afóra esse exemplo máo,  
 Eu tenho inveja do ironico  
 E chistoso *Nicoláo*.

## XXIII

Respirando os ares limpídos,  
 A viração mais amena  
 Da liberal Barbacena,  
 Onde resido e nasci,  
 Da côrte os brasões heraldicos  
 Desconheço, nunca os vi.

## XXIV

É por isso que o thuribulo  
 Me produz o susto, o medo  
 De se queimar algum dedo  
 De alguma de minhas mãos;  
 Se os ductos não offereço-lhes,  
 Perdõem-me os cortezãos.

## XXV

Se ao padre, ao letrado, ao medico  
 Applico a moralidade,  
 Não é por inimizade,  
 O meu fim é corrigir;  
 E, quando emprêgo o ridiculo,  
 É para a gente se rir.

## XXVI

Não medra aqui por exotico  
 O odio sempre horrivel, fero;  
 Dentro do peito sincero  
 Inda não lhe dei quartel;  
 Por ser o epigramma acidulo,  
 Não se diga que é de fel.

## XXVII

Tire diploma de estolidô,  
 Seja parvo de máo gosto  
 Quem nos meus versos desgosto,  
 Injuria, offensa encontrar;  
 Se nem-uma classe escapa-me,  
 Ninguem se deve magoar.

## XXVIII

O predomínio dos satrapas,  
 O sceptro, o real diadema  
 Tambem me servem de thema ;  
 Porém, alludindo aos Reis,  
 Não entra no meu espirito  
 Desrespeitar nossas leis.

## XXIX

Os Tiberios e outros despotas,  
 Da humanidade flagellos,  
 Não encontrão parallellos  
 Na terra da Santa Cruz ;  
 Pois nesta parte da America  
 Ha liberdades e luz.

## XXX

Perdoai, leitor benevolo,  
 Se quando fallo comvosco,  
 Algum vocabulo tosco  
 Cortezias diminue;  
 O trato da vida rustica  
 Nos meus escriptos influe.

## XXXI

Mas em desconto, sem duvida  
 Não achareis uma phrase  
 Que vossas faces abrase  
 Por motivos de pudor ;  
 Nisto, segundo o meu habito,  
 Os cuidados hei de pôr.

## XXXII

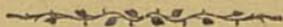
Nem á donzella mais candida,  
 Nem á matrona pudica  
 O meu verso prejudica  
 Offendendo a sãa moral ;  
 Se é justo o rigor da analyse,  
 Não me argua desse mal.

## XXXIII

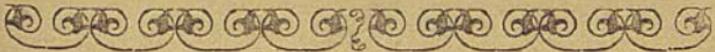
E que me importa se aos tympanos  
 Da censura pudibunda  
*Saliva* palavra immunda  
 E indecente pareceu ?  
 Quem anda á cata de escandalos  
 Faz papel de phariseu.

## XXXIV

Nos livros ecclesiasticos,  
 Onde a moral é mais pura,  
 O homem acha, se procura,  
 Similhantes expressões ;  
 Nem por isso o texto biblico  
 Padece condemnações.







# EPISTOLA

Ao Exm. Sr. Conselheiro José Feliciano de Castilho

Qui fit, Mæcenas, ut nemo, quam sibi  
sortem seu ratio dederit, seu fors ob-  
jecerit, illa contentus vivat?...

HORACIO, *Satyra 1ª*, L. 1.º

## I

Possuía Horacio Flacco  
A razão esclarecida  
Quando, em fôrma de cavaco,  
Ao bom Mecenas convida  
A dizer a causa forte  
Do desagrado da sorte.

## II

A reflexão é sensata ;  
Nasceu do criterio e siso,  
E o tempo de hoje inda acata,  
Meu Castilho, o prejuizo  
De crer-se que outrem reuna  
Mil vantagens da fortuna.

## III

Ninguem jámais é contente  
 Com a sorte que lhe coube ,  
 Do proprio estar se resente ,  
 Lamenta que se lhe roube,  
 Ou que a fortuna lhe negue  
 O que seu irmão consegue.

## IV

Entretanto a vida alheia,  
 Como a nossa, tem tropeço ;  
 É trabalhosa e ruim téa,  
 Cujos mesquinho e vil preço  
 Não compensa no mercado  
 O cabedal empregado.

## V

Aquelle que exerce o officio  
 De lavrar a terra dura,  
 Do mercador no exercicio  
 Enxerga toda a ventura ;  
 Nada vê que onere e aggrave  
 Profissão tão boa e suave.

## VI

(Diz elle) a covado e vara  
 Se troca a fazenda grossa  
 Por moeda que então pára  
 Na gaveta, onde faz móssa  
 Todo o dia, todo o instante  
 Este algarismo sonante.

## VII

O lavrador não revira  
 A outra face da medalha;  
 A listrada casimira,  
 Comprada á vista, sem falha,  
 Dá-se por preço fiado,  
 Synonimo de fintado.

## VIII

E se algum, por mais experto,  
 Cuidoso por que não quebre,  
 De character pouco aberto,  
 Impinge gato por lebre...  
 Ganhe quanto queira, ao cabo  
 A alma lhe ganha o diabo.

## IX

Os innocentes cabellos  
 Puxa o medico aos punhados,  
 Não se pondo em parallellos  
 C'os mais felizes letrados,  
 Que, sem engenho e sem arte,  
 Depennão a pobre parte.

## X

Elle assim não considera  
 Os dissabores que soffre  
 O letrado, porque dera  
 Plena razão, e de chofre  
 Por ter perdido a demanda,  
 No bom conceito desanda.

## XI

Fazer do torto direito,  
Fazer do direito torto,  
É mostrar placido leito,  
É prestar seguro porto  
A quem atravessa os mares  
Da vida, cheia de azares.

## XII

Porém é trabalho insano  
Rever as leis, dar conselhos,  
E em modo em nada profano  
Curvar á Astréa os joelhos,  
Rendendo ocioso culto  
A esse vendado vulto.

## XIII

Tambem o legisperito  
Do articulado libello  
Trocára o lucro restricto  
Pelos ganhos do escalpello,  
Ou virtude da lanceta  
Que sangra vêa e gaveta.

## XIV

Com tintas vivas desenha  
Os valores que arrecada  
O Galeno, sem que tenha  
A descontar, pois em cada  
Receita que elle rabisca  
Vai o anzol com boa isca.

## XV

Ao mappa incompleto falta  
 O susto real e serio  
 Que sempre ao medico assalta  
 Quando vê no cemiterio  
 Enfileirados e juntos  
 Os jazigos dos defuntos.

## XVI

Quem passa vida tão boa  
 Como o nédio sacerdote ?  
 Não ha quem sobre a corôa  
 Aventure um piparote :  
 Quem, como elle, ha que desfructe  
 Acipipado *quitute* ?

## XVII

Não fallando na tremenda  
 Do guloso frei Sueiro,  
 Para que se não aprenda,  
 Como factó verdadeiro,  
 A anecdota do toucinho  
 Levado á noite ao focinho.

## XVIII

Gordas primicias recolhe  
 De bem sazoados fructos ;  
 Tambem ganha, apenas olhe,  
 Os mais caros dos productos ;  
 Pois não é preceito vario  
 — *O melhor para o vigario.*

## XIX

Muita gente deste modo  
 Pensa a respeito do padre,  
 Embora o calculo todo  
 Perfeitamente não quadre,  
 Visto que ás vezes o trigo  
 Joio esteril tem comsigo.

## XX

Como infallivel precalço,  
 O vigilante remorso  
 Acompanha-o pelo encalço,  
 E trepando-lhe no dorso  
 Apresenta-lhe o registo  
 Das vendas do Sancto Christo.

## XXI

E não contente lhe mostra  
 De sacrilegios um feixe,  
 E, fazendo papel de ostra,  
 Sem que ao pobre padre deixe,  
 Com infernal ironia  
 Lhe soletra — *Si-mo-ni-a*.

## XXII

De latim ao sabio lente  
 É presente o tempo antigo ;  
 Conversa constantemente,  
 Sem da etiqueta o perigo,  
 Reis, dictadores, magnates,  
 E vomita disparates.

## XXIII

De reconditos segredos  
 Até o amago penetra,  
 E os intrincados enredos  
 Das sybillas interpetra ;  
 Denomina o —*nec invideo*—  
 As uvas verdes de Ovidio.

## XIV

Absorveu tanta sabença  
 Em narigadas de esturro,  
 E com toda razão pensa  
 Ter o merito de um burro  
 Quem não conhece os primores  
 Dos latinos escriptores.

## XXV

Porém, se o nominativo  
 Faz *Jupiter*, como cabe  
 Um —*Jovis*— em genitivo ?  
 Nem por sonhos elle o sabe,  
 E por isso quando acorda  
 Vive por falta de corda. (\*)

## XXVI

Outras questões de alta monta,  
 Difficultosas como esta,  
 A cabeça trazem tonta,  
 Nem deixão dormir á sésta  
 O profundo sabio mestre,  
 Honra do globo terrestre.

(\*) Este pensamento achei-o no romance *Han d'Islandia*.

## XXVII

Como é completo o socego  
 Daquelle homem da botica ?  
 Escolheu optimo emprego,  
 O qual nunca se complica ;  
 Si impunemente os venenos  
 Ministra, inda isso é o menos.

## XXVIII

Estando prompto o xarope,  
 E o gral já tendo deposto,  
 Quem nos diz que elle não tope  
 Parceiro de alegre rosto,  
 E passe, cheirando a triaga,  
 No gamão uma hora vaga ?

## XXIX

Comtudo tem seus revezes  
 O boticario droguista ;  
 Decorrem minguados mezes,  
 Nos quaes diminue a lista  
 De achaques e epidemias,  
 Deixando-o sem regalias.

## XXX

Este alumno de Mavorte,  
 Que traz dragona de cacho,  
 Posto á frente da cohorte,  
 De barretina e pennacho,  
 Nos ensaios da peleja  
 Excita na praça inveja.

## XXXI

Coitadinho! inda me lembro  
 Das infantis caramunhas  
 Que elle fazia em setembro,  
 Soffrendo dôres nas unhas,  
 Por effeito da topada  
 Que dêra na retirada.

## XXXII

Certo rico fazendeiro,  
 Dono de immensos escravos,  
 Solta arrotos de dinheiro,  
 E, em desconto dos aggravos  
 Da pequenez do bestunto,  
 Afoga em vinho o presunto.

## XXXIII

Sua casa de vivenda  
 Assemelha obra de Mafra,  
 E elle antevê pingue venda  
 Da muito abundante safra ;  
 Mas depois *são mais as vozes*  
*Comparadas com as nozes.*

## XXXIV

E, sobre tudo, é brinquedo  
 Perder o somno de noite  
 E andar tremendo de medo  
 Que alli no mato se acoite  
 O preto que nega a bunda  
 Á moralissima *tunda* ?

## XXXV

Isto é nada ! e os desaforos  
 Que o vil escravo pratica,  
 Suando até pelos poros  
 Quando mais cansado fica ? ! !  
 Nem agradece a *jacuba*,  
 Que não comeria em Cuba !

## XXXVI

Si as profissões que relato  
 São tidas como felizes,  
 Do colorido retrato  
 Observando-se os matizes,  
 Juizo desvantajoso  
 Se fórma do alheio goso.

## XXXVII

Convem, pois, conforme creio,  
 Cada um de nós conserve  
 A ambição em duro freio ;  
 Queixa inutil pouco serve,  
 E a paciencia torna francas  
 As mais imperradas trancas.

## XXXVIII

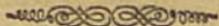
Nunca soffrêra certo homem  
 Nem a minima ogerisa,  
 Nem trabalhos que consomem  
 Enrugando a fronte lisa :  
 Perde o anel, traste de luxo,  
 De um peixe encontra-o no buxo.

## XXXIX

Deste filho da ventura,  
Deste mimoso da sorte,  
O carrasco dependura  
O corpo em tres páos, e a morte,  
De cutello e de baraço,  
Da vida lhe corta o laço.

## XL

Não basta só este exemplo?  
Necessito de outros novos?  
Se o resultado contemplo,  
Vejo que *ao frigir dos ovos*  
*É quando melhor se apura*  
*Quanto sobra da gordura.*



## OS SENTIDOS CORPORAES

AO MEU AMIGO E PARENTE

AURELIANO PEREIRA CORRÊA PIMENTEL.

Non sunt loquelæ, neque sermones  
Quorum non audiantur voces eorum.

Das campinas cobertas de flôres,  
Olhos meus, vêde os bellos matizes ;  
São floridôs e mudos louvores  
Ao auctor da semente e raizes.

Escutai, meus ouvidos, attentos  
O afinado gorgeio das aves ;  
São hosannas e canticos bentos  
De harmonias agudas e graves.

É do mais delicioso perfume  
E fragrancias a inculta baunilha,  
Qual incenso lançado no lume  
Por archanjo que adora e se humilha.

O sabor succulento dos fructos,  
Que rebentão da leiva da terra,  
Tem resaibo de pios tributos,  
Homenagens a Deos elle encerra.

Apalpai, minhas mãos, tantos centos  
De milhões de infinitos argueiros;  
São eternos, reaes monumentos,  
E da gloria de Deos pregoeiros.

Barbacena, 15 de Abril de 1860.



## A IMPRENSA

A liberdade da imprensa,  
Que aos vis despotas espanca,  
É bimbarra ou alavanca  
De valor e força immensa.  
Quando nisso menos pensa  
Impopular, máo Governo  
Com velleidades de eterno,  
O papel que sahe do prelo  
Precipita esse flagello  
De cambalhotas no inferno.



## PARABOLA

## OS QUATIS

O quati, bicho damninho,  
É flagello da lavoura;  
Seu voraz, longo focinho  
Não regeita a espiga loura.

Percorre, aos bandos, a roça,  
E come e destróe o milho;  
Zomba do cão que o acoessa,  
Sabe illudir o gatilho.

Quando o tiro se dispára,  
Cahe a turba vil por terra;  
Cuida o homem que acertára,  
Porém nos calculos erra.

Procura debalde a presa,  
Que suppõe ferida ou morta;  
Reconhecendo a espertesa  
Fica então de cara torta.

. . . . .

Ha funcionarios no Estado  
Que aos quatis levão as lampas;  
Contra os taes não ha cadeado,  
E nem ferrolhos, nem tampas.

Esta praga tão nociva  
Tem a roça no thesouro ;  
De dura guela e gengiva  
São quatis que comem ouro.

O bando infame penetra  
Os arsenaes, as escolas,  
As alfandegas *et cætra*,  
E reduz o povo a esmolas.

E se o fiscal verdadeiro  
Faz nestes quatis seu alvo,  
Do primeiro ao derradeiro  
Tudo escapa são e salvo.

Baependy, 24 de Agosto de 1862.



## EPIGRAMMA

Pessoalmente despedir-se  
Não pôde certo visconde  
Porque teve de partir-se  
Com pressa não sei para onde.

E gasta papel e tinta,  
Redige sublime peça  
A personagem distincta  
Sem notar que está com pressa.

Diz e desdiz o que disse,  
Pede desculpa e se culpa,  
E por maior parvoíce  
Desta culpa se desculpa.

Tugurio, 14 de Outubro de 1862.



## PARABOLA

---

### A QUEIMADA E OS GAVIOES.

Para engordar bem o gado,  
No mez de Julho ou de Agosto  
O arido campo é queimado  
Pelo fogo que lhe é posto.

O reptil que anda de rastos,  
O insecto de tenues azas,  
Entre o capim desses pastos  
Tu, ó fogo, intenso abrasas.

De negra cinza cobertos  
Filhotes de passarinhos;  
Por serem menos expertos  
Jazem dentro de seus ninhos.

Ainda bem a fumaça  
 Não se dissipa nos ares,  
 Já de gaviões esvoaça  
 Um bom numero de pares.

E tal especie de abutre,  
 Voraz ave de rapina,  
 De cadaveres se nutre  
 Ou por máo instincto ou sina.

É, pois, o incendio flagello  
 Dos fracos animalejos,  
 Porém traz recreio bello  
 Para os gaviões malfazejos.

.....

Em um successo como este  
 Que boa moral se apanha !  
 Nos incendios e na peste  
 Entre nós tambem se ganha !

O boticario aproveita  
 A monção, e impinge a droga ;  
 E do medico a receita  
 Quanto mais cara, mais voga.

O bom padre neste ensejo  
As finanças equilibra,  
Aceita, cheio de pejo,  
Sportula e véla de libra.

São de instinctos differentes  
Os tres gaviões aqui junctos;  
Aquelles querem doentes,  
O ultimo só quer defunctos.

Tugurio, 14 de Outubro de 1862.



## PARABOLA

## O PASSARINHEIRO.

Não posso louvar o instincto  
Que revela o caçador,  
De sangue vendo-se tincto  
Sem compaixão e sem dôr.

Todo o seu prazer é o campo,  
Onde se julga feliz,  
Quando o seu fiel Melampo  
Lhe levanta uma perdiz.

Apenas a caça vôa,  
A arma no ponto elle poz,  
Crendo talvez cousa boa  
Da ave ser o mão algoz.

Contra a perdiz innocente  
Fizerão conSPIraçãO  
O caçador, a serpente,  
E o carnivoro gavião.

Sem a desculpa da fome,  
Na posse de fructo e mel,  
Merece affrontoso nome  
O caçador mais cruel.

Vem cá, meu passarinho,  
Paixão de caça tens tu?  
Pois leva o teu perdigueiro,  
E rasteja um urutú.

Se não basta ainda, ataca  
Um ninho de cascadeis,  
Nem poupes a jararaca,  
E traze-me cinco ou seis.

Desfia a bucha de palha,  
Tempêra a pedra e o fuzil,  
E sem piedade espalha  
O chumbo contra o reptil.

Si dest'arte praticares,  
A meu ver, farás assim  
Milhares sobre milhares  
De beneficios sem fim.

São taes inimigos do homem  
Assaz dignos de morrer;  
Os seus venenos consomem,  
O seu bote é de doer.

Não é de hoje a inimizade,  
 E já vem muito de trás!  
 Porque combater não se ha de  
 Tanto mal que se nos faz?

Da serpe invejosa e astuta  
 Os raciocinios de fel  
 Inspirarão a conducta  
 Da mãe e do pai de Abel.

E o passarinho que pia,  
 E d'onde o mal não provém,  
 Que acção má commetteria?  
 Qual a culpa que elle tem?

Bater o fraco é vileza,  
 Bater o forte é valor;  
 Porém de outro modo resa  
 Cartilha de caçador.

Borda do campo, 30 de Dezembro de 1861.



## PARABOLA

## O JAMBO.

Brasileo jambo  
É uma fructa  
Que se reputa  
Mui primorosa.

Tem, como a rosa,  
Suave aroma,  
E que se coma  
Diz-nos a boca.

Porém é ôca,  
E só a casca  
Se engole e masca  
Da fructa jambo.

E nem eu lambo  
O seu caroço,  
Porque é insosso,  
Si não amargo.

.....

Agora largo  
As vélas soltas,  
E vou dar voltas  
Por outros mares.

Quando topares  
Um bello aspeito,  
Vê se o sujeito  
Jambo é por fóra :

Se acaso mora  
Casca a dentro,  
E bem no centro  
Caroço ruim.



## PARABOLA

---

### ○ POLITICO AMPHIBIO.

O politico leve  
Se aventura e se atreve,  
Sem ter principios fixos,  
E torna-se dest'arte  
Igual a certos bichos  
De toda e qualquer parte.

Nem só me presta o ganço  
O exemplo do que avanço;  
O marreco é dos ares,  
O marreco é da terra,  
E nem a agua dos mares,  
Ou dos rios o aterra.

E quantos patriotas  
Vão como gaivotas,  
Na terra não têm péas,  
E nas ondas profundas  
Nadão como balêas?  
Vê lá, que os não confundas!

Se nadão e se vôão,  
E se a terra povôão  
Todos esses bonecos,  
Que nada têm de graves,  
Não passam de marrecos,  
Se é que elles são aves!



## EPIGRAMMA

Um cavalheiro polido,  
Ao paiz recém-chegado,  
Recebeu muitas visitas,  
E foi muito obzequiado.

E tendo de retirar-se  
(Nobre exemplo de acções boas!)  
Pelos jornaes se despede  
De officiosas pessoas.

De tão justa cortezia  
O motivo não se esconda,  
É seu gosto que se leia  
Seu nome em letra redonda.



## TESTAMENTO SOLEMNE

COM QUE FALLECEU JUDAS ESCARIOTES.

*Judas mercator pessimus.*

Eu Judas Escariotes,  
O peor dos mercadores,  
Para livrar-me dos botes  
De remorsos roedores,  
Prestes á morte de laço,  
O meu testamento faço.

Não tendo herdeiros forçados,  
Para os quaes deixe as heranças,  
Reduzo a simples legados  
Todas as minhas finanças;  
E não digão financeiros,  
Que são só trinta dinheiros.

Já de antemão condemnado,  
Soffrendo dôres acerbas,  
Eu não morro ab-intestado;  
Pois ficão nas minhas verbas  
(Assim não me falte a calma)  
As ruins qualidades d'alma.

Do Deos vivo sobre a face  
Sendo o meu osculo a senha,  
Logo todo o furor nasce  
Na turba vil que se empenha  
Em prender com violencia  
O Justo por excellencia.

Seja esta acção meritoria  
Com letras de sangue escripta  
Nas tristes folhas da historia;  
Porque dita e sempre dita  
É sem duvida que ella ha de  
Trazer-me celebridade.

E este celebre renome,  
Sendo imitado com zelo  
Por quem esse exemplo tome,  
De obscuro póde fazê-lo  
Um heróe, como os heróes  
Que tu, ó tempo, não destróes.

Fui traidor, jámais o nego,  
Entreguei o Sancto Christo,  
De quem ainda arrenego;  
E fui impellido a isto  
Pela ambição desmedida,  
Que me dá cabo da vida.

Deixo esta ambição immensa  
 Aos que accumulão ajudas,  
 Empregos, pensões e tença,  
 Além das cousas miudas;  
 Esses nem fartos de sopa  
 Mettão prego sem estopa!

Fui traidor, jámais o nego,  
 Entreguei o Sancto Christo,  
 De quem ainda arrenego;  
 E fui impellido a isto,  
 Porque a inveja, negro verme,  
 Penetrou-me na epiderme.

Deixo, pois, a mesma inveja  
 A quem do merito alheio,  
 Maior do que o seu, moteja,  
 E, sem escolha de meio,  
 Attribute ao vicio rude  
 Boas acções de virtude.

Fui traidor, jámais o nego,  
 Entreguei o Sancto Christo,  
 De quem ainda arrenego;  
 E concorreu para isto  
 A ingravidão que devora  
 As entranhas onde mora.

A ingratiidão mais infame  
Deixo ao máo filho do povo,  
Para que ao povo não ame,  
E, nobre ou fidalgo novo,  
Da anarchia tenha assombro,  
E olhe por cima do hombro.

Fui traidor, jámais o nego,  
Entreguei o Sancto Christo,  
De quem ainda arrenego;  
A cegueira é causa disto,  
E os olhos da razão tapa,  
Porque a razão não lhe escapa.

Eu deixo a cegueira interna,  
Como funesto legado,  
A quem os povos governa,  
Dictador ou coroado;  
Para que dobre os joelhos  
Aos mais perfidos conselhos.

Fui traidor, jámais o nego,  
Entreguei o Sancto Christo,  
De quem ainda arrenego;  
E fui impellido a isto  
Suppondo fosse mais util  
Seguir doutrina mais futil.

Eu deixo a futilidade  
Aos que, nos dias de gala,  
De maior solemnidade,  
Vão perfilar-se na sala,  
E mostram ser cortezãos  
Na etiqueta e beija-mãos.

Fui traidor, jámais o nego,  
Entreguei o Sancto Christo,  
De quem ainda arrenego;  
E fui impellido a isto  
Pela perfidia insensata,  
Que de mim fez diplomata.

Deixo a perfidia latente  
Para os que assignão contractos,  
E vestem constantemente  
De trapaças os seus actos;  
Diplomatas compromettão  
Negocios em que se mettão.

Fui traidor, jámais o nego,  
Entreguei o Sancto Christo,  
De quem ainda arrenego;  
E concorreu para isto  
A má fé que sempre tive  
E em meu peito ainda vive.

Deixo a má fé toda inteira  
 Para eleições e comícios;  
 Ella introduza onde queira  
 Os escandalos e vicios,  
 Ou se evaporem as actas,  
 Ou surjão as duplicatas.

Agora julgo opportuno  
 Legar os sonoros *trinta*,  
 Que n'uma bolsa reúno;  
 O financeiro consinta  
 No orçamento do thesouro  
 Esta vil quantia de ouro.

Vil quantia, ou mesmo cisco,  
 Este dinheiro maldito  
 Estabeleça no fisco  
 A moda, o systema, o rito  
 De absorver em mil tributos  
 Do povo o trabalho e os fructos.

Aconselho e recommendo  
 A todo o meu legatario  
 Vá, quanto possa, comendo,  
 E responda ao mundo vario  
 Com o rifão—*Ande eu quente,*  
*E de mim ria-se a gente.*

Para não haver intruso  
 Na partilha dos legados,  
 E para evitar o abuso,  
 Eu declaro exceptuados  
 Os sectarios da doutrina  
 Que o *tal justo* agora ensina.

Phantasiem a seu gosto  
 A chimerica igualdade,  
 E bebão lá o seu môsto  
 Em honra da liberdade;  
 Por meus calc'los infalliveis  
 Elles serão *impossiveis*.

S. João d'El-Rei, 5 de Abril de 1861.



## PULHA

---

### PASCOA NO DIA DE CINZA !

O facto se refere acontecido  
 Da Pascoa ter cahido  
 De cinza nessa magra quarta-feira!  
 Livraria toda inteira  
 Deita abaixo o melhor dos canonistas,  
 Compara as varias vistas  
 Ou phases por que a lua tem passado,  
 E decide pasmado :  
 — Isso não pôde ser! não se comprehende!

— Porém, meu sabio, attende!  
 Pôde ser, pôde ser, diz-lhe um gaiato!  
 É facil, é possivel esse facto,  
 Se uma mulher que Pascoa se chamasse,  
 Quarta-feira de cinza escorregasse.

Tugurio, 14 de Outubro de 1862.



## EPIGRAMMA

Quando se expedem os titulos  
Dos habitos e commendas,  
Em prol das publicas rendas  
Ha uma tabella real.

Portanto não são gratuitos  
Os premios dos servidores,  
Porque despendem valores,  
Despendem seu cabedal.

Si aqui não entra o ridiculo,  
É notavel que uma graça  
De graça nunca se faça  
Sem tinir louro metal.



## SUPPLICA

Petite et accipietis.

O' Jesus Christo,  
 O' tu meu Deus,  
 Attende, escuta  
 Os rogos meus.

Por piedade,  
 Por compaixão,  
 Inspira e toca  
 Meu coração.

Tenho peccado  
 Por malvadez,  
 E bem conheço  
 Que sou má rez.

Porém appello  
 Do teu rigor  
 Para a sentença  
 Do teu amor.

Amor immenso,  
O' bom Jesus,  
Que pelos homens  
Levou-te á cruz.

Si purgão culpas  
Do peccador,  
Venhão angustias,  
E venha a dôr.

Eu me resigno  
Ao teu querer,  
E me offereço  
Para soffrer.

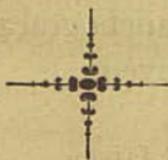
Nem eu ignoro,  
Supremo bem,  
Que a sancta graça  
De ti provêm.

Mas si a faisca  
Da contricção  
Tu não accendes  
No coração,

Eu filho de Eva  
Triste mortal,  
Cégo me abysmo  
No eterno mal.

Hei de importuno  
Pedir, até  
Que fortalezas  
A minha fé.

Não me condemnes,  
O' summo Bem,  
Salva minh'alma  
Amen, amen.



## EPIGRAMMA

Não ha homem defuncto que não ganhe  
 Artigo necrologico nas folhas,  
 Guarnecido por quatro listras negras,  
 Com tarja de chorões (a planta e o anjo).

Quem desta se partio não tem ouvidos,  
 Nem os posthumos gordos elogios  
 Do finado o amor-proprio lisongêão.

Mas na terra ainda resta algum parente  
 Que leia o panegyrico pomposo,  
 E compense o dispendio da *cevada*. —  
 Até co'a morte os vivos especulão !



## UMA NECROLOGIA

Justus non moritur.

Chegando o correio  
Desprendo as cruzetas,  
Confronto as mentiras  
De nossas gazetas.

A tarja de luto  
Á vista me occorre,  
E a epigraphe leio  
— *O justo não morre!*—

A these me instiga,  
Perpasso este assumpto,  
E emfim me convenço  
De haver um defuncto.

E foi a materia  
Tão mal resolvida,  
Que bem se confunde  
A eterna e esta vida.

Então fiz comigo  
Em meu pensamento  
Da logica filho  
Seguinte argumento :

Si o justo não morre,  
E este homem morrêra,  
Conclue-se portanto  
Que justo não era.



**EPIGRAMMA**

E digão lá os sabios da escriptura  
Que segredos são estes da natura.

(CAMÕES.)

O motivo não descubro  
De notaveis accidentes !  
De nascença já traz dentes ,  
O leitão no mez de outubro.  
E diz a fama  
Que elle não mama,  
Porque a têta os não supporta,  
Si a tesoura lh'os não certa.

É este um facto,  
Que bem acato.  
E terá nome de sabio  
Sabio que explicar não sabe-o ?  
Quão muita cousa  
Inda repousa  
Occulta na escuridão,  
Qual mysterio do leitão !

---

**PARABOLA****A PERDIZ E O TICOTICO DO CAMPO.**

É o caçador muitas vezes  
Illudido pelo cão,  
E quando menos o espera  
Soffre amarga decepção.

Esse fiel companheiro,  
De prestimoso nariz,  
Parece ter farejado  
O rasto de uma perdiz.

Anda e desanda inquieto,  
Para ávante e para trás,  
Dar mil voltas e revoltas  
Ao caçador elle faz.

E no momento solemne  
Do tiro se disparar,  
Não *perdiz*, mas *ticotico*  
Surde da mouta a voar.

Então o justo despeito,  
Que bem cabido aqui é,  
Aconselha contra o bruto  
Formidavel pontapé.

. . . . .

Nesses catalogos  
De livraria  
Joio, avaria  
Eu digo que ha.  
Leitor simplorio  
Quantas e quantas  
E quantas mantas  
Não levará !

Pomposo annuncio  
Serve à lisonja,  
E passa a esponja  
Sobre o que é máo.  
Esta ruim pratica  
Produce effeito,  
Rende-lhe preito  
Muito patáo.

Do prêlo espera-se  
 Livro excellente  
 E ao lê-lo a gente  
 Torce o nariz ;  
 Vindo a proposito  
 O caso rico  
 Do *ticotico*,  
 E da *perdiz*.



## HYMNO

Homenagem a Deos tributemos  
Com intenso fervor incessante,  
Desde a aurora ao crepusc'lo da tarde,  
Quando o sol ou se deite ou levante.

Homenagem a Deos tributemos  
Entre o espaço das trévas da noite ;  
Quer o mudo silencio as governe,  
Quer o vento de rijo as açoite.

Homenagem a Deos tributemos  
Quando á mesa nos chama o appetite ;  
Das doçuras e bellos sabores  
Esse goso só Deos nos permite.

Homenagem a Deus tributemos  
Que os trabalhos diurnos e a lida  
São productos que o mal do peccado  
Faz pesar na balança da vida.

Homenagem a Deos tributemos  
Quando o corpo repousa na cama ;  
Si o descanso interrompe as fadigas  
É mercê do bom Deos que nos ama.

Homenagem a Deos tributemos  
Por deixar-nos a meiga esperança,  
Que através de horrorosa tormenta  
Nos aponta a serena bonança.



## EPIGRAMMA

Quando ás vezes acontece  
Parlamentar cambalhota,  
E este sóbe, aquelle desce,  
Porque o precario tem fim,  
Então muito patriota  
Dá saltos de trampolim.



## OS RECURSOS DA INJURIA

Non sunt facienda mala ut eveniant bona.

Mais um pouco de bom-senso!

*Musa, basta de rimar,*

Visto que negas o incenso

Das potestades no altar.

Sem justo motivo atacas

Leis, costumes de raiz

Nesta terra das patacas,

Moralisado paiz.

E dizes — quem tem dinheiro

Póde a salvo injuriar;

Pois o prélo interesseiro

Ás injurias dá lugar.

Quando a injuria por escripto

Ao homem probó maldiz,

Vai-se punir o delicto

Na presença do juiz.

Tu me asseveras, não erro,  
Que, a favor do detractor,  
Faltando o testa-de-ferro,  
Ha o Poder Moderador.

Impellido pela fome  
Aquelle acceita o real,  
Este deseja que somme  
Nova parcella o hospital.

Ha caridade nas vistas,  
É purissima a intenção,  
Mas severos moralistas  
Impoem certa restricção.

Prestar ao enfermo abrigo,  
Curar-lhe as chagas e a dôr  
É bom proceder do amigo  
Da lei de Deos por amor.

Que nunca porém se faça  
O sempre damnoso mal,  
Ainda que d'ahi nasça  
Um bem,—ordena a moral.

**EPIGRAMMA**

Si aos serviços e á virtude  
A distincção não allude,  
A excellencia ou senhoria  
Do mais nobre cavalheiro  
Vale o mesmo que o letrado  
Posto em garrafa vasia.



## PARABOIA

## O TAMANDUÁ.

O nosso Brasil fecundo  
É também, de mais a mais,  
Entre os paizes do mundo,  
O paiz dos animaes.

E nenhum tão exquisito,  
Na bicharia de cá,  
É conhecido ou descripto  
Como o tal tamanduá.

Resupino elle abre os braços,  
Se acontece te encontrar,  
E traidor nos seus abraços,  
É capaz de te matar.

.....

É dos homens arremedo  
Esse fero irracional,  
Quando assim mostra-se tredo,  
E propenso para o mal.

Entre pessoas amigas  
Commummente se achará  
Desleal papa-formigas,  
Humano tamanduá.

A semelhança é patente,  
E differe o homem só,  
Além de unhas, em ter dente,  
Dente que morde sem dó.

Barbacena, 25 de Setembro de 1862.



**ORIGEM DIVINA**

O immenso poder dos reis  
Sustentas, que vem dos céos!  
Que nos curvemos quereis  
Tão submissos como réos  
Perante os caprichos seus,  
Postos acima das leis!  
Não é bom que interpreteis  
Altos mysterios de Deos!

Um rei perverso  
É creatura  
Que mais apura  
A do universo  
Bella harmonia!  
Porém, comtudo,  
Dê no que dêr,  
Eu cá não mudo  
De parecer :

E dest'arte não illudo  
A quem me ouvir e attender.

Por essa regra,  
Se a vil serpente  
Peçonha negra  
Filtra no dente,  
Isso annuncia  
Que sendo a cobra,  
Como o rei é,  
Divina obra,  
Nos morda o pé?  
Deos tambem creou de sobra  
O pão que chamão—*ipé!*



## EPIGRAMMA

Aquelle que defende  
Todo e qualquer partido  
No poder, o que pretende?  
Que seja repartido  
Com elle o patrimonio,  
Ou peculio do Estado.  
Reine embora o demonio,  
E reparta o bocado.



## EPIGRAMMA

Se vós crêdes que meus versos  
Têm laconismo de mais,  
Os juizos são diversos,  
Não penso como pensais.

Se não fosse  
Como o doce,  
Que não se come a faltar,  
Eu faria  
Poesia  
De encher barriga a matar.



## EPIGRAMMA

De modinhas brasileiras  
Insulso versejador,  
Reune montão de asneiras  
Na ruim solfa sem sabor.

E contra todo o sentido  
Que as palavras devem ter,  
O que nos tira do ouvido  
Vem pelos olhos metter.

E (quem haverá que pense-o?)  
Elle se anima a cantar  
— Já das trêvas o *silencio*  
Se começa a *divisar!*



## PARABOLA

## OS TUCANOS.

Ha passaros mui lindos  
Nas mattas e campinas do Brasil;  
Vão bandos infindos,  
E pousão na floresta aos mil e aos mil.

O p'riquito é formoso,  
De bello aspecto a verde m'racanã,  
O sabiá é mavioso  
No gorgeio da tarde ou da manhã.

E, se eu me não illudo,  
De tantos nenhum pôde-se antepôr  
Ao tucano bicudo,  
No lustre da auri-rubra e viva côr.

Porém se elle desata  
Das cavernas do papo a feia voz,  
Ouvidos desacata  
Dos homens, ou do bruto mais feroz.

.....

### Associadas

São as idéas,  
E aqui lembradas  
As assembléas,  
Ou reuniões.  
Se esses janotas  
Mostrão no rosto  
Das finas botas  
O seu bom gosto,  
São figurões!

Andão casquilhos,  
Vestem colletes  
Com espartilhos,  
Dansão minuêtes  
Com rapapê.  
Trazem gravatas  
De finas côres,  
E pataratas  
De altos valores,  
Não sei p'ra que.

Si um delles falla,  
Embora humano,  
Então iguala  
Só ao tucano  
No som vocal.  
Sua palavra  
Fere os ouvidos,  
Offende, agrava  
E os faz doridos  
Por nosso mal.

Inda isso é o menos,  
E é cousa pouça,  
Se os sons amenos  
Na aberta boca  
Elle não poz.  
Para o conceito,  
Para a sentença,  
Falta-lhe o geito,  
Nem é propensa  
Idéa e voz.



## EPIGRAMMA

« A lingua de Camões, lingua vernacula,  
Podemos bem fallar sem adjutorio  
Do rançoso latim, morto, obsolêto! »

Era esta a opinião de um litterato,  
Não de meia tigella, de mão cheia.

Quer provar por escripto quanto disse,  
Arroja-se a escrever para as imprensas,  
E de um negro fugido faz o annuncio,  
Dando como signal a falta de unha  
Em o *dedo annular do pé* direito.



## TRADUCCÃO DO HYMNO DE S. THOMAZ

---

Ao SS. Sacramento.

Eu te adoro, ó latente Divindade,  
Que sob estas figuras bem te escondes,  
A ti meu coração todo se rende,  
Porque no contemplar-te desfallece.

A vista, o tacto e o gosto em ti se illudem,  
Porém no ouvido a fé toda repousa,  
E eu creio nas palavras do Deos Filho,  
Pois nada é mais verdade que a verdade.

Na cruz só se occultava o Ser Divino,  
A humanidade aqui tambem se occulta,  
E eu, crendo em uma e outra natureza,  
Te peço o que o ladrão tambem pedio-te.

Si, como S. Thomé, não vejo as chagas,  
 Comtudo que és meu Deos, eu te confesso;  
 Faze que a minha fé, minha esperança  
 E amor para contigo se afervorem.

Monumento da morte de meu Christo,  
 O' páo vivo, que dás a vida ao homem,  
 Concede que minh'alma de ti viva,  
 Fruindo teu sabor, tua doçura.

Piedoso pellicano, ó Jesus Christo,  
 Lava a immundice d'alma com teu sangue,  
 Do qual uma só gotta salvar pôde  
 De toda a culpa todo o orbe das terras.

Jesus, que vejo agora assim velado,  
 Eu te rogo e supplico tão sómente  
 Que em face revelada emfim te veja  
 E a bemaventurança eterna gose.



# DESCULPA

---

INVITA MINERVA.

Quiz fazer por força uns versos,  
Tomei a penna e o papel,  
Casão-se os metros dispersos  
Como as linguas de Babel.

Desvaira-se o pensamento,  
Foge a idéa a bom fugir,  
Materia, assumpto, argumento,  
Nada me vem acudir.

A cabeça não se escalde,  
Por faltar-lhe a inspiração;  
Sem esta sempre de balde  
Trabalha o poeta em vão.

Rebelde o espirito  
Hoje se fez?  
Pois bem, eu guardo-me  
Para outra vez.

E quando menos  
O esperar,  
Versos amenos  
Hei de rimar.

O ensejo proprio  
É essencial,  
Conceito lucido  
É casual.

Se a rima pobre  
Foi-me infiel,  
Antes me sôbre  
Tinta e papel.



## PARABOLA

## O PREGOEIRO E ORADOR.

Para solver certas dividas  
(Causa de muita desgraça!)  
Procedia-se na praça  
A uma arrematação;  
E o pregoeiro monotono  
Proclamava, a grandes berros,  
Badulaques, velhos ferros,  
Avaliados em tostão.

E depois mostra que ufana-se  
De um obstaculo vencido,  
Pelo qual ha merecido  
Applausos e galardão.  
Levantar a voz em publico!  
Limpendo o suor da testa  
Diz elle, não ha como esta  
Tão difficil profissão!

.....

Vereis em qualquer das camaras,  
Onde muita gente falla,  
Muito orador que se iguala  
Ao pregoeiro civil.  
Cheio de ardor e de estimulos,  
Cada qual mais alto grita,  
E dest'arte felicita  
A patria, o caro Brasil.

Depois, recobrando o folego,  
Como quem venceu combate,  
Na frente orgulhosa bate,  
Tendo-se em conta de mil.  
Sou eu lá qualquer estúpido!  
Diz, todo cheio de vento,  
Não ha neste parlamento  
Discursor tão varonil.



## UM DIA DE ANOS

Sei que o mez de Fevereiro  
É de todos o mais curto;  
Mas ao numero me furto,  
Como objecto derradeiro.

Se acaso algum temerario,  
Em estylo pouco ameno,  
Chamar este mez pequeno  
Com razões de kalendario,

Uma demanda lhe movo,  
Ponho embargos de terceiro,  
Pois nasceu em Fevereiro  
O barão do Rio Novo.



## EPIGRAMMA

De confessores a falta,  
Certo christão lamentava,  
E um bom padre que o escutava  
Com estas razões o assalta :

Amigo, são infundados  
Os teus sustos e temores ;  
*Haja bastantes peccados,*  
Que não faltão confessores!



## EPIGRAMMA

Iria na praça buscar gente nova  
 O dono que fosse de casa espaçosa,  
 Enchendo-a dest'arte de plebe que mova  
 Conflictos, e seja lá dentro rixosa ?

Seria loucura, loucura varrida,  
 De um tal insensato que assim o fizesse !  
 Privar-se dos gozos, dos gozos da vida  
 Sem fim de proveito, que nome merece ?

Convem por acaso fazer parallelo  
 De cousas pequenas e cousas maiores ?  
 Colonias viciosas (que exemplo mais bello !)  
 Ainda serião loucuras peiores.



# PARABOLA

---

## O ABACATE.

Diante de nossas fructas  
Parece que não se abate,  
Nem ás lutas  
Ou combate,  
Foge o afamado abacate.

Como prova do bom gosto,  
Na lauta mesa dos nobres  
Elle é posto,  
E o descobres  
Refeição parca dos pobres.

Noto, porém, que se come  
Ou com limão ou com vinho,  
E que o tome  
O visinho  
Adoçado um poucachinho.

A preta jaboticaba  
 Exclue os ingredientes,  
     Nem acaba  
     Entre os dentes  
 O bello sabor que sentes.

A gabirola do prado  
 Tem requintes de doçura,  
     E é escusado,  
     Nem se atura  
 Assucar nem rapadura.

Se o ananaz tem corôa,  
 De certo bem o merece ;  
     Cousa boa  
     Me parece,  
 Pois de adubos não carece.

.....

No meio desses magnates,  
 Por entre os parlamentares,  
 Grandê porção de abacates  
 É mui facil de encontrares.

Merito proprio é bem raro,  
 Luz reflectida é emprestada,  
 E o paiz paga bem caro  
 Muita lição orelhada.

E nos trabalhos de peso,  
Nos importantes debates,  
Impertigado e bem teso  
Brilha algum dos abacates?

Tudo nelles é postigo,  
Por si não presta a pessoa;  
Entretanto e apezar disso  
Seu renome se apregôa!

Aquelle por ser parente,  
Est'outro por ser visconde,  
Têm o valor apparente,  
Que o real *'stá não sei onde!*

# A FELICIDADE

Districtus ensis cui super impia  
 Cervice pendet, non siculae dapes  
 Dulcem elaborabunt saporem :  
 Non avium citharæque cantus  
 Summum reducent.

(HORATIO. *Liv.* 3<sup>o</sup>, *Ode* 4<sup>a</sup>.)

## I

Si, á adulação pouco affeita,  
 Altos encomios não tece,  
 Esta satyra respeita  
 A quem respeitos merece,  
 E, condemnando os delictos,  
 Separa os Neros dos Titos.

## II

A posição elevada,  
 A excelsa cathegoria  
 Será tranquilla morada  
 Dos gozos e da alegria ?  
 Ahi reinão amarguras,  
 Dissabores e torturas.

## III

Quando a historia é que nos falla,  
 Quando a historia nos ensina,  
 É erro contraria-la ;  
 Porque a verdade domina,  
 E as precarias forças tira  
 Aos sophismas da mentira.

## IV

É o espirito sereno,  
 É da consciencia a pureza  
 Antidoto do veneno  
 Que a limpida vida enfeza ;  
 Põe a singela virtude  
 N'alma o vigor e a saude.

## V

Si, aberrando a estrada recta,  
 O despota mão e infrene  
 Abusa desta dieta,  
 E despresa esta hygiene,  
 Desse iniquo e malfazejo  
 Os prazeres não invejo.

## VI

Dyonizio Syracusano,  
 De quem Cicero se occupa,  
 É poderoso tyranno ;  
 Porém, trazendô á garupa  
 O medo, a desconfiança,  
 Nem por momentos descança.

## VII

É que o remorso do crime  
 Despiedoso afferretôa,  
 E de soffrer não exime  
 Cabeça que tem corôa,  
 Assombrando, qual espectro,  
 Sem respeito ao real sceptro.

## VIII

Dos simulacrôs a roupa,  
 O ouro do templo, as alfaias  
 Por escrupulos não poupa ;  
 Salta por cima das raias  
 Do sagrado e do profano  
 Dyonizio Syracusano.

## IX

Deste sacrilego saque  
 Vêm após outra façanha,  
 Do direito quebra e ataque ;  
 N'hasta publica elle apanha,  
 De contado, sem atrazos,  
 Dinheiro a troco dos vasos.

## X

Depois por edicto ordena  
 Co'a maior hypocrisia,  
 Debaixo de dura pena,  
 Reponhão té certo dia,  
 Sem garantia de posse,  
 Tudo o que do templo fosse.

## XI

Com proceder tão infame,  
Da vida negro episodio,  
Será possível que o ame,  
E, limpo de mortal odio,  
O povo conceda ao triste  
Tirar a lança do riste ?

## XII

Transforma cada vassallo  
Em necessario inimigo,  
Com plena razão de odia-lo,  
E 'sismando no perigo,  
Qual bruto o mais intractavel,  
Mais que o bruto é miseravel.

## XIII

Elle afasta o hirsuto rosto  
Do barbeiro e da navalha ;  
Este assassino supposto  
Já parece que lhe talha  
A cerviz, e o deixa exangue  
Nadando no proprio sangue.

## XIV

Então as filhas exercem  
Esse officio, indigno dellas ;  
Mas ainda assim carecem  
Do ferro, porquanto as bellas  
Capazes de acções atrozes  
Não são com cascas de nozes.

## XV

Oh injuria que o pai lança  
 Contra a innocencia da prole,  
 Retirando a confiança  
 Do punho macio e molle,  
 Por temer ahi o cutello  
 Lhe rape mais que o cabello !

## XVI

Com justo e forte motivo  
 Se arreceia das pessoas ;  
 Não pratica esse ente vivo  
 Senão acções menos boas,  
 Apezar que o não accusa  
 A velha dê Syracusa.

## XVII

Tu, velha, porque supplicas  
 Pelo tyranno Dyonizio ?  
 Se não erras, nem claudicas,  
 Põe-no em pratos limpos, dize-o :  
 O pai e a mãe conheceste ?  
 Erão perversos como este ?

## XVIII

Disseste-o sincera e franca !  
 E no logico argumento  
 A tua razão não manca,  
 Medindo o progresso e augmento  
 Da impiedade e demencia  
 Que avulta na decencia.

## XIX

Que lição tão proveitosa  
 Se estuda nest'outro facto !  
 Das amizades não goza  
 O temido scelerato,  
 E Dyonizio o significa  
 Quando um fiador lhe fica.

## XX

Condemnado estava á morte  
 Um amigo, o outro amigo  
 Expõe-se ao azar da sorte,  
 E, bem certo do perigo,  
 Como refem se offerece,  
 Até que o amigo apparece.

## XXI

Sahe do carcere e no prazo  
 O condemnado eis que volta,  
 E a respeito deste caso  
 Dyonizio dos labios sólta :  
 — Feliz de mim se consigo  
 Fazer-me terceiro amigo ! —

## XXII

Exclamação tão pungente  
 Proferida assim de chofre  
 É indício do que sente,  
 É symptoma do que soffre  
 Das entranhas no escaninho  
 Este monarcha mesquinho.

## XXIII

Como engana-se quem julga  
 Deitado em leito de rosas,  
 Sem persevejo nem pulga,  
 Sem as insomnias calmosas,  
 O grão-senhor dos despachos,  
 Dos cortezãos ou capachos !

## XXIV

Quero olhar antes de tudo  
 O reverso da medalha,  
 E, digna de serio estudo,  
 Não me escape pela malha  
 Esta anecdota, que adrede  
 Veio cahir-me na rêde.

## XXV

De Damocies testemunho  
 Merece o melhor conceito,  
 Por ter da verdade o cunho,  
 E nada ter de suspeito ;  
 Si aspirou á realeza,  
 Hoje avisado a despreza.

## XXVI

Si ouro ou prata muito vale,  
 Desses metaes não faz conta,  
 Nem ha manjar que o regale ;  
 Pois da espada a aguda ponta,  
 Por um fio menos grosso,  
 Lhe pende sobre o pescoço.

## XXVII

Outr'ora teve desejo  
De governo e magestade,  
Confessa agora sem pejo  
Que ambicionar mais não ha de  
Estulto subir tão alto  
Pondo a vida em sobresalto.

## XXVIII

Aurea se diz com acerto  
A sobria mediocridade ;  
Ella evita muito aperto,  
Foge de muita maldade,  
E vive ás mil maravilhas  
Sãa e salva de armadilhas.

## XXIX

Feliz o homem que se alegra  
No bemfazer ao amigo,  
Nem exceptua da regra  
Seu figadal inimigo,  
Mostrando que não se exime  
Do preceito tão sublime.

## XXX

A paz então faz morada  
No coração livre de odio,  
E, por este modo, nada  
Vem affligi-lo, nem póde-o,  
Pois todo aquelle que é manso  
Por premio tem o descanso.

## XXXI

Feliz o homem que se humilha,  
 Por exempção de soberba ;  
 Da soberba é sempre filha  
 A doença mais acerba,  
 Da qual si existe remedio,  
 O soberbo nunca pede-o.

## XXXII

É a humildade saude,  
 E gozo peremne d'alma ;  
 É sympathica virtude,  
 Que alheios odios acalma,  
 E tira oportunidades  
 A muitas rivalidades.

## XXXIII

Feliz quem segue os conselhos  
 Ou dictames da justiça,  
 E, quando a justiça dê-lhos,  
 Refreando a vil cubiça,  
 Os cumpra, da lei escravo,  
 Sem appello nem agravo.

## XXXIV

Esta fiel observancia  
 Agros pezares adoça,  
 E, boa mésinha da ancia  
 Que no espirito faz mozza ;  
 Traz alivio, dá conforto,  
 Transporta a seguro porto.

## XXXV

Feliz mortal que é sectario  
 Da liberdade sensata,  
 E, qual reliquia em sacrario,  
 Reverente a adora e acata ;  
 Pois, embora seja humana,  
 Do ser Divino ella emana.

## XXXVI

Obedece deste modo  
 Aos evangelhos do filho,  
 Homem Deos, *puro amor todo*,  
 Nosso guia pelo trilho  
 Do respeito á Divindade,  
 E commum fraternidade.

## XXXVII

Feliz aquelle que súa  
 No trabalho e na lavoura,  
 E, á noite ao clarão da lua,  
 Não se peja nem desdoura  
 De levar sobre a cabeça  
 A lenha com que se aqueça.

## XXXVIII

Tem nas mãos asperos calos,  
 Effeitos da fouce e enxada ;  
 Porém, para compensa-los  
 Consciencia calejada  
 Não é justo que se chame  
 A de quem o ocio desame.

## XXXIX

Feliz aquelle que longe  
Do borborinho e tumulto,  
Anachoreta, ou qual monge,  
No retiro presta culto,  
Com intenção a mais pura,  
Ao autor da creatura.

## XL

Nem o estampido da guerra  
Assusta o sancto Eremita,  
Porque elle não da terra,  
Onde só seu corpo habita,  
Repousando toda a mente  
No seio do Omnipotente.

## XLI

Dirigindo humilde prece,  
Murmurando psalmo e psalmo,  
Emquanto o mundo endoudece,  
Elle está tranquillo e calmo,  
Na esperança da partida  
Desta para melhor vida.



**EPIGRAMMA**

Por que é que *Brasil* se chama  
O torrão da patria minha ?  
É porque cada um chega  
A *brasa* á sua sardinha.



## POLITICA OU PELOTICA

Um dos partidos  
Defende o throno,  
Sceptro e corôa  
Do regio dono.

Mas o outro enxerga  
Males e damno,  
E até se inculca  
Republicano.

Mudem-se as scenas,  
Gozos, vantagens,  
Vereis mudadas  
Suas linguagens.

Já não defende  
Aquelle o throno,  
Sceptro, corôa,  
Nem regio dono.

Nem o outro enxerga  
Males e damno,  
Nem mais se inculca  
Republicano.

Si variarem  
Gozos, vantagens,  
Inda varião  
Suas linguagens.

Tenha o Governo  
Boa tarracha,  
Que os patriotas  
São de borracha.



**O CHARUTISTA**

Até á vista  
De gente limpa  
O charutista  
Vai, e se chimpa.

É na presença  
De gente honesta  
Peor doença,  
Cousa molesta.

O homem polido,  
Por mais que faça,  
Vê-se aturdido  
Pela fumaça.

Inquieto e triste  
Escarra e tosse,  
Porém persiste  
O outro na posse.

E só pergunta  
A toda a roda  
Que ahi está juncta,  
Si os incommoda ?

« Ora essa é boa !  
Eis a resposta,  
« Sua pessoa  
« Não nos desgosta ! »

E o mal-criado  
Não avalia  
Que é tolerado  
Por cortezia.

Elle asqueroso  
Máo cheiro exhala,  
E exclue o gozo  
De qualquer sala.

A quem elle ama  
Produz enjôo,  
Da pobre dama  
Eu me condôo.

Por gosto impuro  
Queima fedores,  
E, vil monturo,  
Requesta amores.

A moça linda  
Amar não pôde  
A um tal que ainda  
Torce o bigode,

Sem recordar-se  
De que na coma  
Sabe aninhar-se  
O ruim aroma.

Si a uma bella  
Caricias pede,  
Merece della  
Quem tanto fede ?

Ella não soffre  
Este basbaque  
Sem muito enxofre  
Ou Labarraque.



## EPIGRAMMA

Pretende ser despachado  
Barão de nome pomposo  
Um estúpido chapado,  
E de antemão tem o gozo.

Vai consultar ao compadre  
Si lhe assente e bem lhe fique,  
Ou por outra, si lhe quadre  
Ser barão de Xiquixique.



## EPIGRAMMA

Houve tempo em que o talento  
 Era uma certa moeda,  
 E hoje ainda se arremeda  
 Esse antiquado valor.

Ganha-se o premio por cento,  
 O milagroso dinheiro  
 É o talento verdadeiro,  
 E seja o mais como fôr.



## AS FALCATRUAS DE AMOR

---

AO EXM. SR. CONSELHEIRO JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO,

AUTOR DA GRINALDA OVIDIANA.

Amor, é falso o que dizes;  
Teu bom rosto é contrafeito.  
(N. TOLENTINO.)

Arredem-se assumptos biblicos !  
Meu Castilho, isto é mania,  
Que me aquece a phantasia,  
E me exaspera o furor ;  
Canto em estylo de fabula  
As falcatruas de amor.

O tal rapazinho trefego,  
Que tem a venda nos olhos,  
Despede frechas a molhos,  
Que certeiras vão ferir,  
E pesca em rêde de astucias  
O insensato que o seguir.

Tem odorifera logica,  
 Syllogismo saboroso,  
 Produz ineffavel gozo  
 Um seu ditinho de mel;  
 Porém depois o malevolo  
 Nos enche a boca de fel.

Rolão cascatas de lagrimas  
 Por virgineas lindas faces,  
 Quaes por canteiros de alfaces  
 Do regador aguas mil.  
 ¿ Quem fez correr tanto liquido,  
 Que póde encher um barril ?

Foi golpe do sagittario,  
 Que não o dá que não toque,  
 Pois até mesmo o bodoque,  
 Elle o sabe manejar :  
 Ou pellota ou setta aligera  
 Nunca desvaira no ar.

—Éco—certa Nympha chama-se,  
 Que, por desdem de *Narciso*,  
 De todo perdendo o siso  
 No retiro feneceu.  
 Farpada setta lethifera  
 Do alvo peito lhe pendeu.

Devorada pelo incendio  
 Foi no tempo antigo Troia !  
 ¿ Quem engenhou a tramoia  
 Que teve o desfecho máo ?  
 Amou um filho de Priamo  
 A mulher de Meneláo.

O eximio vate de Mantua  
 Conta o caso acontecido  
 Á infeliz Sidonia Dido,  
 A viuva de Sicheo !  
 Cupido fingido Ascanio  
 Todo esse enredo teceu.

Que foi fazer a Collacia  
 De Tarquinio o filho joven ?  
 Que justas razões o movem,  
 E o conduzem para alli ?  
 Os encantos de Lucrecia  
 O tornáo fóra de si.

As choradeiras, a labia  
 Do poeta de Pelignos  
 Não sabem fazer benignos,  
 Os Deuses em prol do réo.  
 ¿ Quem foi que ao sonoro Ovidio  
 Em calças pardas melteu ?

*Mão de Mestre* agora trança-lhe  
 A mais brilhante grinalda  
 De preciosa esmeralda,  
 Do fulgurante rubim ;  
 Mas nem por isso entre os barbaros  
 Deixou de ter triste fim.

Transparentes ares toldão-se,  
 E murchão viçosas flôres,  
 Porque da morte os horrores  
 Padece a candida Ignez !  
 De tão innocente victima  
 Quem o carrasco se fez ?

Os exemplos são innumeros,  
 E grande a somma de factos,  
 Para prova dos máos tratos  
 Que amor quasi sempre dá.  
 Seu bodoque tão malefico  
 Que destróços não fará !



## PARABOLA

## O PEÃO CAVALLEIRO.

Dizem que certo sujeito  
Chegando a obter um cavallo,  
Procedeu com pouco geito  
Quando tentou cavalga-lo.

Um máo effeito seguio-se,  
E lhe trouxe menoscabo ;  
Pois o tal sujeito vio-se  
Com a cara para o rabo.

Voltado assim de focinho  
Para as estranhas paragens,  
Faz queixumes ao vizinho  
Contra a impericia dos pagens.

São estupidos, diz elle,  
 Não virarão bem o bruto ;  
 Fustiga-los-hei na pelle,  
 Hão de colher esse fructo.

. . . . .

Na politica de nomes,  
 Ainda peor que a peste,  
 Ainda peor que as fomes,  
 Ha muito facto como este.

Anda a pé um democrata,  
 E os cavalleiros apupa ;  
 Mas, pelos calos da pata,  
 Ambiciona uma garupa.

Elle emfim se encarapita,  
 Ou no cavallo se escancha ;  
 Mas se a sorte o felicita,  
 Não lhe lava toda a mancha.

Ou por escarneo da sorte,  
 Ou por artes do diabo,  
 Agulha para ruim norte,  
 Volta a cara para o rabo.

Como hoje é *seu todo o mundo*,  
Hoje todo o mundo applauda  
O cavalleiro jocundo  
Com o rosto para a cauda.

Corrido elle de si mesmo  
Pela scena que apresenta,  
Dá esporadas a esmo,  
E as surriadas aguenta.

Não o accuse qualquer homem,  
De incoherencia e de abalo,  
Antes pela rédea tomem,  
E lhe virem o cavallo.

Se tem para a frente as costas,  
Como arlequim ou palhaço,  
Suas vistas estão postas  
Na cauda e fim do espinhaço.

Dos *impossiveis* a crença,  
Que pôde ser, por injusta,  
Um dos aleives da imprensa,  
A muitos peões assusta.

Fazem calculos e conta,  
E assentão que é grã loucura  
Andar-se a pé, se outro monta  
Em boa cavalgadura,

D'aqui vem a concurrencia,  
 E muita gente cavalga,  
 Bom grado acceita excellencia,  
 E quer passar por fidalga.

Um emprego lucrativo  
 Traz comsigo seus regalos,  
 É o melhor lenitivo,  
 É o melhor dos cavallos.

Se o ex-peão, cavalleiro  
 Para a cauda volta o rosto,  
 O palhaço chocarreiro  
 Tambem assim faz por gosto.

Se é ridicula a postura,  
 Não faltará quem applauda ;  
 É do palhaço a figura  
 De focinho para a cauda.

Apezar de lucros varios,  
 Quaes do palhaço as vantagens,  
 Mette as botas nos sectarios  
 Que lhe servirão de pagens.

Como se a culpa recáia  
 Sobre quem culpa não teve  
 Nas surriadas, na vaia  
 Que é punição a mais leve.

São estúpidos, diz elle,  
Não virarão bem o bruto ;  
Fustiga-los-hei na pelle,  
Hão de colher esse fructo.

Estou firme no meu posto,  
E, qual rocha, não me abalo ;  
Virado não está meu rosto,  
Sim a cauda do cavallo.

Esta é a caricatura  
De qualquer fidalgo novo,  
Que em sua cavalgadura  
Já não é filho do povo.

E como Grande do Imperio,  
De casaca pelo avesso,  
Alvo de chasco e dicterio,  
É cavalleiro de gesso.

Barbacena, 22 de Fevereiro de 1863.



## A PROBIDADE INCOMPATIVEL

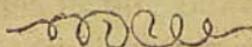
—Ao entrar a pobreza pela porta  
Pela janella foge a probidade—  
Nos diz o adagio em fôrma de sentença !

Aqui ha preconceitos, e reclama  
E protesta a moral té certo ponto ;  
Pois, segundo o direito que ella firma,  
Ha communhão de bens em caso urgente.

Inda que outro annexim o não consigne,  
Parece bem provado e quasi certo  
Que, se a riqueza vem pela janella,  
Ausenta-se a virtude pela porta.  
Isto sim, isto é facto incontestavel,  
Que a moral não desculpa, assaz reprova.

Um homem que se préza de ser probo,  
 Exactissimo em conta de patacas,  
 De cruzados, tostões, e meias *dobras*,  
 Dá a Deos o que é de Deos, concede a Cesar  
 O que a Cesar se deve por direito ;  
 E tem horror ao cheiro de azinhavre  
 De um só vintem que seja cobre alheio.  
 Assim procede em quanto seus haveres  
 O collocão na justa mediania.

Se por um dos estupidos caprichos  
 A fortuna lhe entrega somma grossa,  
 Embora os meios fossem tortuosos,  
 Soffrão lá quanto soffrão na indigencia  
 Os orphãos, a viuva despojada  
 Da herança que era sua, e lhe usurpárão,  
 O homem que foi tão probo, hoje na posse  
 De tanto cabedal que lhe não cabe,  
 Fica surdo, não póde dar ouvidos  
 Ao clamor dos escrupulos molestos.



## EPIGRAMMA

Um sabio viajante nos descobre  
Thesouros de riquezas européas,  
E, para confundir nossas idéas,  
Refere maravilhas de renome !

Só se esquece que o pobre  
Lá entre essas grandezas morre á fome !



# TURBA MULTA

Stultorum infinitus est numerus.

## I

O numero dos tolos  
 Vale como o infinito, não tem conta;  
 Assim, não devo pô-los  
 Em linha para ver a quanto monta.

Por simples desenfado  
 Vou fazer collecção mui resumida,  
 Qual de arêa um punhado  
 Quem somma, grão por grão, de balde lida.

Porque no fim de tudo  
 Muita parcella igual por essas praias,  
 Fôra de calc'lo e estudo,  
 Da arithmetica excede as amplas raias.

Na milicia dos parvos  
 Eu, e tu, nós, vós, elles, temos praça ;  
 Não deveis enfadar-vos,  
 Se este rol vos abrange, vos abraça.

Tenha aquelle alto posto,  
 Aquell'outro será soldado raso ;  
 Mas isto inda supposto  
 A regra não destrõe, nem vem ao caso.

## II

Ha concurso de povo  
 Causando na policia alguns abalos ?  
 O que haverá de novo ? !...  
 Duello encarniçado de dous gallos !

Os bipedes se ferem  
 Até correr o sangue pelas cristas,  
 E outros bipedes querem  
 Gozar da scena, grata a suas vistas.

Applausos que não parão,  
 Mil bravos, vivas mil, palmas e palmas,  
 Que os ultimos soltarão  
 Provêm da insensatez de suas almas.

Naquelle ajuntamento  
 Ou cardume de taes espectadores  
 Um bom recrutamento  
 Era cabido a toque de tambores.

Engrossem-se as fileiras  
 Dos esquadões valentes da estulticia,  
 Tremolem as bandeiras  
 De sua universal forte milicia.

## III

Viajou pela Europa  
 Um fofô Brasileiro, e com proveito ;  
 Pois, se acaso nos topa,  
 Nos dá provas de estolido perfeito.

Esqueceu nossa lingua  
 Por ter andado longe, ha uns seis mezes,  
 E, na penuria e mingoa,  
 De interprete o criado faz-lhe as vezes.

Desconhece iguarias,  
 Insipidas que nunca elle as cobiça,  
 E, usando algaravias,  
 Pergunta como chama-se a linguaça.

Não póde demorar-se  
 Neste paiz de bugres, terra inculta,  
 E já nem por disfarce  
 A supina ignorancia nos occulta.

Aqui não ha vantagem,  
 Diz elle, não se vive, se vegeta!  
 Pois bem! Tem a passagem  
 Mui franca, vá-se embora esse pateta.

Mas antes que se ausente  
 Para viver na terra onde se vive,  
 De asno leve a patente,  
 E assim melhor se instrua e se cultive.

Engrossem-se as fileiras  
 Dos esquadões valentes da estulticia,  
 Tremolem as bandeiras  
 De sua universal forte milicia.

## IV

São rapidas as modas  
 E ha quem lhes acompanhe o veloz curso;  
 Bem apuradas todas  
 Não merecem as honras do discurso.

Diferença de clima,  
 Grão diverso entre os frios e calores  
 Não se avalia ou estima,  
 Que a moda não aceita aferidores.

Se *além* resiste ao gelo  
 O grosso *cache-nez* de curtas malhas,  
 Deve assiduo trazê-lo  
 Quem móra do Brasil nestas fornalhas.

Muito insensato estuda  
 As côres dos pintados figurinos,  
 E a cada passo muda  
 As casacas de pannos os mais finos.

E nunca se desmancha  
 Ou renova-se a gola, ou mesmo as abas ;  
 Não se utiliza a ensanचा,  
 Porque tu, fresca moda, o menoscabas.

Fazenda sempre nova,  
 De mór preço, mór lustre, e menos dura  
 É testemunho e prova  
 Do gosto que se esmera e que se apura.

Esse tempo é remoto,  
 Esse dia de nevoa já não raia.  
 Em que ao sobrinho roto  
 A tia fez um fraque de uma saia.

Hoje um rapaz sem rendas,  
 Á custa do bom pai que o facilita,  
 Veste caras fazendas;  
 São de Havana os charutos que elle pita.

E só por uma destas,  
 Em honra e desaggravo do bom senso,  
 Devem trazer nas testas  
 Pais como aquelle um T bem largo e extenso.

Engrossem-se as fileiras  
 Dos esquadrones valentes da estulticia,  
 Tremolem as bandeiras  
 De sua universal forte milicia.

## V

Uma pedrinha leve  
 De tres, de quatro, ou cinco, ou seis oitavas  
 Por seculos esteve  
 Nas entranhas da terra, antes das cavas.

Depois foi apanhada  
 No meio dos garimpos ou das minas,  
 E é hoje avaliada  
 Em milhares de libras esterlinas.

E ha nobre que despenda  
 Por um só diamante sem ter jaça  
 Boa parte da renda,  
 Que antes desse de esmolas ou de graça.

O nome deste nobre,  
 Que compra esse cascalho, ponho em lista,  
 E nego que lhe sobre  
 Juizo, ou que o bom senso nelle assista.

Engrossem-se as fileiras  
 Dos esquadrões valentes da estulticia,  
 Tremolem as bandeiras  
 De sua universal forte milicia.

## VI

*Aquelle sóbe a serra*  
 Se tu, quando o encontrares, não lhe deres,  
 Inda que alheio á guerra,  
 Um posto, pelo menos o de alferes.

Fica então todo cheio,  
 Quando lhe dás um titulo mais alto ;  
 Gozando tal recreio,  
 Aceita promoções assim de salto.

E o mais é que o despacho  
 As formulas legaes assaz dispensa!  
 Deste tolo tão baixo  
 Perdôe-se a ambição, por ser doença.

Seja emfim reformado,  
 Mas o posto jámais ninguem o negue  
 Ao ficticio soldado,  
 Porquanto nenhum damno d'ahi segue.

Engrossem-se as fileiras  
 Dos esquadrões valentes da estullicia,  
 Tremolem as bandeiras  
 De sua universal forte milicia.

## VII

Quer dançar dez quadrilhas  
 Este moço, e por isso enfia as luvas;  
 Faz comprimento às filhas,  
 E às mãis que são casadas ou viúvas.

Tanta pilhéria e chiste  
 O cortez cavalheiro então vomita,  
 Que tu inda não viste  
 No fallar tanta perola bonita.

Tudo, tudo é dislate,  
 E tudo heterogeneo paradoxo,  
 E vê que não te mate  
 O riso, que abafado te faz roxo.

No ligeiro intervallo  
 Da monotona insulsa contradança  
 E um optimo regalo  
 Escutar dos dialogos a trança.

Elle pergunta á dama  
 Se não sabe *nadar*, se não tem calma,  
 Se é verdade que o ama,  
 Se no altar de Hymenêo quer dar-lhe a palma.

Quando ella vai sentar-se,  
 Elle offerta-lhe um calice de vinho,  
 E não pôde faltar-se  
 Tragando airoso o ultimo restinho.

Bebendo assim, deseja  
 Descobrir deste modo algum segredo,  
 Ainda que bem veja  
 Que o lindo par não tem de que ter medo.

Com cara de fuinha  
 De sério se reveste, se apavona,  
 Chama á filha—*Doninha*—  
 Á mãe da pobre moça—*Bella dona*.

De espiritos tão finos  
 Se do baile os salões têm provimento,  
 Taes parvos genuinos  
 Se alistem no infinito regimento.

Engrossem-se as fileiras  
 Dos esquadões valentes da estulticia,  
 Tremolem as bandeiras  
 De sua universal forte milicia.

## VIII

N'uma eleição de aldêa  
 Prestante cidadão pedincha os votos,  
 Serviços alardêa,  
 Que só lhe negão vesgos e canhotos.

Um rival lhe disputa,  
 E contesta o direito que o abriga,  
 Trava-se emfim a luta,  
 E a plebe generosa a peito briga.

Porém quanto ella ganha  
 Nesta guerra cruel de candidatos?  
 Quanto lucra na sanha  
 Que a leva a praticar mil desacatos?

Debalde se inimisa,  
 E só por escolher outros senhores,  
 Sem distincta halisa,  
 Sem haver differença nas taes côres.

Da eleição os athletas  
 Que sabem esgrimir por cousa pouca  
 Inserevão-se patetas  
 Na turma pertinaz da gente louca.

Engrossem-se as fileiras  
 Dos esquadões valentes da estulticia,  
 Tremolem as bandeiras  
 De sua universal forte milicia.

## IX

Encontrando um amigo  
 A quem não tenho visto, ha muitos dias,  
 Boas palavras digo,  
 Por cumprir o dever das cortezias.

Tens noticias do primo?  
 Como vai de negocio e de saude?  
 Sinceramente estimo  
 Que prospera a fortuna sempre o ajude.

Tive-as pelo paquete,  
 Eis que responde o amigo a quem pergunto,  
 E em seguida repete  
 Da carta recém-vinda todo o assumpto.

Em tudo quanto disse  
 A epistola que o primo lhe enviára  
 Immensa parvoice  
 E nada mais se lê, nem se depara.

É bem e assaz notavel  
 O *post-scriptum* que vem no fim da carta,  
 Tal, e tão disfructavel,  
 Que a gente põe-se a rir, e não se farta !

Em resumo, o parente  
 Afim de que aos estolidos o ajuntem,  
 Envia ingenuamente  
*Lembrança aos que por elle aqui perguntem.*

E est'outro que recebe  
 Uma incumbencia tal, sem que a rejeite,  
 Parece-me que bebe,  
 Crendo ser agua, um cópo bom de azeite.

Ambos estes papalvos,  
 Esta parelha de asnos tão estulta,  
 Do riso sejam alvos,  
 Visto serem do numero que avulta.

Engrossem-se as fileiras  
 Dos esquadrões valentes da estulticia,  
 Tremolem as bandeiras  
 De sua universal forte milicia.

## X

É homem de cidade  
 Aquelle que alli vês, limpando o fato ;  
 Posto que não lhe agrade,  
 O verniz enlamea do sapato,

É que elle não se ageita  
 Às perneiras de mal curtido couro,  
 E indocil não acceita  
 Costumes que lhe trazem o desdouro.

Mil grandezas da côrte  
 Exalta e eleva aos dous cornos da lua,  
 E não duvida pôr-te  
 De rastos da amargura pela rua.

Atira-nos á face  
 As faltas que descobre em nossa casa,  
 Nada vê que o não *masse*,  
 E, lingua viperina, tudo arrasa.

Candura e singelesa

Que ao bom provinciano augmenta o brilho  
 Desdenha e menospreza  
 O que só tem de côrte o ser casquilho.

Põe-se do espelho em frente,  
 De puro macassar unta as guedelhas,  
 E alisa docemente  
 Espessas e arqueadas sobranceilhas.

Porém que vale o asseio,  
 Tanto esmero na untura do cabello,  
 Se o *petit-maitre* é meio,  
 Quero dizer, pedaço de camello?

Dos ditos que profere  
 Não se tira um bom mote que se glose,  
 D'ahi ninguem espere  
 De maxima ou sentença a menor dóse.

Portanto está no caso  
 De tornar-se um audaz cabo de esquadra,  
 Que estulto deixe raso  
 Aquillo que entre nós lhe bem não quadra.

Engrossem-se as fileiras  
 Dos esquadrões valentes da estulticia,  
 Tremolem as bandeiras  
 De sua universal forte milicia.

## XI

Ancião que já conta  
Setenta, oitenta, ou mais algum Janeiro,  
Ao cabello que aponta  
Esfrega os negros pós de sapateiro.

Mas renova-se a alvura,  
E o velho que está proximo da campa  
E desce á sepultura  
Semelha um animal de raça *pampa*.

Quão dignas de respeito  
São as cans do enrugado octogenario !  
O amigo do direito  
Ao fatuo que se pinta não compare-o.

Pois este quando sua,  
Escorre-lhe a foligem pelo rosto,  
E o mandão á tabúa  
As moças em que as vistas tinha posto.

A um tal cupido velho,  
Figura por demais carnavalesca,  
Dou gratuito conselho  
De aggregar-se á infinita soldadesca.

Engrossem-se as fileiras  
 Dos esquadrões valentes da estulticia,  
 Tremolem as bandeiras  
 De sua universal forte milicia.

## XII

Não soffre miopia  
 Este que anda ocioso pela praça,  
 Provido ao meio dia  
 De uns oculos que dizem ser vidraça.

Mostra boa figura  
 E, por ser o maior dos parvoalhos,  
 Conserva uma moldura  
 E vidro para ornar os seus bugalhos.

Faz acinte à cegueira,  
 E chama sobre si algum castigo ;  
 Mas desculpem-lhe a asneira,  
 E as tropas infinitas dêem-lhe abrigo.

Engrossem-se as fileiras  
 Dos esquadrões valentes da estulticia,  
 Tremolem as bandeiras  
 De sua universal forte milicia.

## XIII

Humilde sacerdote,  
 Assiduo folheador do breviario,  
 Sabe evitar o bote,  
 Por mais que o máo espirito prepare-o.

Vira as costas ao mundo,  
 Porque o mundo fallaz tambem virou-lh'as ;  
 Crava em si o injocundo  
 Cilicio que no ventre lhe faz bolhas.

Junta provas e abonos,  
*Lovas de ouro*, e não luvas de camurça  
 Promette a seus patronos,  
 Se a graça lhe conseguem de uma murça.

O tal *desideratum*  
 Emfim tem alcançado o meu bom padre,  
 E aceita o *consumatum*,  
 Diverso do que entende a Santa Madre.

Ei-lo todo vermelho  
 Nos fórros, alamares, e nas orlas ;  
 Cáhe-lhe até o joelho  
 Um caixo pesadissimo de borlas.

Arregada a batina,  
 Mostrando as meias rubras mostra a perna,  
 Com litúrgia latina  
 Psalmos entôa á gloria sempiterna.

Tu, padre, que confundes  
 As mundanas vaidades e o *memento*,  
 Resa teu—*De profundis*—,  
 E sejas capellão do regimento.

Cobre tua corôa  
 De raso solidéo, deixa o barrete;  
 Caridoso perdôa  
 Do audaz Garret o critico motete.

Engrossem-se as fileiras  
 Dos esquadrões valentes da estulticia,  
 Tremolem as bandeiras  
 De sua universal forte milicia.

## XIV

Por tralhas ou por malhas  
 Atcançou um lugar no parlamento  
 Nescio que come palhas,  
 Ao paladar idoneo mantimento.

Refervem os projectos  
 Com p'rigo de explosão, dentro do casco ;  
 Falla em muitos objectos,  
 Despreza alguns apartes e algum chasco.

Já trazia de orelha  
 Discurso de encommenda para a estréa,  
 Papagaio semelha,  
 Que diz e do que diz não tem idéa.

De espirito bem fraco,  
 De um ar menos garboso e estylo feio,  
 Arremeda o macaco,  
 Hediondo macaco no meneio.

Nā ante-sala transige,  
 Pede um favor exempto de registro,  
 Para um irmão exige  
 Despacho que depende do Ministro.

Se este concede a cousa,  
 Bem mostra o deputado o fio ao panno,  
 E até impudente ousa  
 Louvar esse character Espartano.

Se o Ministro recusa  
 Annuir ao pedido, elle se afasta,  
 E formalmente o accusa  
 De indigno de occupar aquella pasta.

Não sei se devo pô-lo,  
Depois que tenho feito este retrato,  
Como ladino ou tolo?!  
É esperto de esperteza só de rato.

Tem desse bicho o instinto,  
Pois o rato não pensa nem discute,  
E o meu heróe distincto  
Não o excede, por mais que se repute.

Se trata da barriga  
Este nobre e eloquente Deputado,  
Estupido é quem briga  
Sustentando o velhaco aparvalhado.

O eleito e os eleitores,  
Estolidos de especies differentes,  
Aos rufos de tambores,  
Recebão continencias e patentes.

Engrossem-se as fileiras  
Dos esquadrões valentes da estulticia,  
Tremolem as bandeiras  
De sua universal forte milicia.

## XV

No gozo do direito  
Que a lei fundamental lhe bem garante  
Pacífico sujeito  
Da justiça tem sido sempre amante.

Foi victima de affrontas  
De um alto funcionario deste Imperio,  
Resolve tomar contas  
E obter a punição do vituperio.

No tribunal supremo  
Apparece uma queixa comprovada,  
Mas de certo não temo  
Ver condemnado réo naquella alçada.

Perdõe-se o paralelo,  
Se comparo o queixoso a um simples bobo ;  
Foi por demais singelo  
Suppondo que matasse o lobo ao lobo.

Quem ainda acredita  
Na efficacia das leis contra os magnates,  
Soldado sem guarita  
Exponhasse da pulha aos disparates.

Engrossem-se as fileiras  
 Dos esquadrões valentes da estulticia,  
 Tremolem as bandeiras  
 De sua universal forte milicia.

## XVI

Costume inveterado,  
 Que entre nós e na Europa inda se observa,  
 Parece derivado  
 Da selvatica ou barbara caterva.

São as duas orelhas  
 De innocente eriança perfuradas,  
 Para trazer parellhas  
 De brincos ou pendentés arrecadas.

Tal moda tão infame  
 Indica estupidez e sobre tudo  
 Persuade que se ame  
 O trambolho que traz o botocudo.

De nescios tão vulgares,  
 Que dão apreço a taes futilidades,  
 Innumeros milhares  
 Recrutem-se nas villas e cidades.

Engrossem-se as fileiras  
 Dos esquadões valentes da estulticia,  
 Tremolem as bandeiras  
 De sua universal forte milicia.

## XVII

Basta, cesse a colheita,  
 Que é tão facil quando ha tanta abastança;  
 E quem nos mares deita  
 Ou subtrahe gota d'agua pouco avança.

Demonstrei bem a these  
 Porque havia a granel provas e provas,  
 Posto que assaz me pèse  
 Ter tratado este assumpto em duras trovas.

O numero dos tolos  
 Vale como o infinito, não tem conta;  
 Assim não devo pô-los  
 Em linha para ver a quanto monta.

Por distrahir a idéa  
 Fiz esta collecção mui resumida,  
 Qual punhado de arêa  
 Quem somma, grão por grão, debalde lida.

Para que não se percão  
Tão boas vocações á parvoice,  
Aos tolos que nos cercão  
Irei dizendo o mesmo que já dice :

Engrossem-se as fileiras  
Dos esquadões valentes da estulticia,  
Tremolem as bandeiras  
De sua universal forte milicia.



**PARABOLA**

## HEROES PINTADOS.

Ha pinturas excellentes  
E bellissimos paineis,  
Que apresentão combatentes  
Coroados de laureis.

Nos guerreiros desenhados  
Os dous extremos achaes,  
Uns não passão de soldados,  
E os outros são generaes.

. . . . .  
A mesma regra se observa  
Para quem vai se assentar  
Nos bancos dessa caterva  
Que se diz parlamentar.

E quem ahi por acaso  
Fará notavel papel,  
Se não é soldado raso  
Ou mais do que coronel?

A modesta mediania  
Raramente sobresáe,  
Da pintura a analogia  
Muito a proposito cáe.



**EPIGRAMMA**

Requer, pede com instancia  
Um patriota moderno  
A protecção do governo  
A prol de sua eleição.  
Para que melhor alcance-a  
Mui diversos meios tenta,  
E por titulo apresenta  
Toda a sua *abnegação*.



## PARABOLA

## A LIGA.

O ouro que sáe das minas  
Não traz a menor liga ,  
    Nem de cobre  
Vestigio se descobre.

Porém não é possível  
Que o ouro sem mistura  
    De azinhavre  
Ou se cunhe, ou se lavre.

Elle seria inutil ,  
Não obstante a pureza ;  
    Posto em obra  
É que o valor lhe sobra.

. . . . .

Qualquer partido sincero ,  
Ou de intenção a mais pura ,  
Que seja util não espero  
Sem o seu *que* de mistura.

Se ao ouro de altos quilates  
Dá consistencia o azinhavre ,  
Contra a *liga dos debates*  
A sentença não se lavre.



## A Semana Illustrada.

A boa caricatura  
Dos vicios é correctivo ,  
Sob feia catadura  
Os desenha bem ao vivo.

É, pois , util a Semana,  
Além de ser *illustrada* ;  
Lição proveitosa emana  
De tal satyra pintada.



**EPIGRAMMA**

Emquanto o ruim patronato  
Dispozer de todo o emprego,  
Emquanto durar o apego  
Do thesouro ás boas postas,  
Soffreremos desacato  
Em nossas praias, no porto,  
E o Brasil andar  torto,  
Trazendo *albard o  s costas*.



## CAVACO

Si musa negat...

## I

Se hoje a musa não me ajuda,  
 A ironia traça os versos,  
 E, bem munido de arruda  
 Contra miasmas dispersos,  
 Vou lançar *timbó* nas aguas  
 Para os *sapos* terem mágoas.

## II

Fallo em sentido translato  
 Porque a falla se dirige  
 Ao leitor de fino tacto,  
 Que facilmente collige,  
 Sem á cabeça dar sócos,  
 Quaes são esses bixarôcos.

## III

Ou, se o querem sem rebuço,  
 Quem nada bom produzira,  
 E, analphabeto inconcusso,  
 Dos bons cuidados se tira,  
 E ao letrado dá sopapo,  
 A esse é que eu chamo *sapo*.

## IV

A palavra aqui trazida  
 Algum jogador a emprega  
 Contra a ineptia presumida  
 Do mirão que affirma e nega  
 Á tóa, e por desafogo  
 Reprova a marcha do jogo.

## V

Peço emprestada a figura  
 Ao jogador eloquente  
 Em prol da litteratura  
 Que no Brasil se resente  
 Da influencia tão funesta  
 Do censor que tudo infesta.

## VI

Às vezes quasi me inclino  
 Á falsa metempsyose,  
 Às vezes quasi imagino  
 Possivel metamorphose,  
 Divisando entre pessoas  
 Roncadores de lagôas.

## VII

Inda que atirem-me a luva,  
 Não quebrarei seu encanto;  
 Taes barometros da chuva  
 Expressão no hediondo canto  
 Que o problema de Colombo  
 Cae-lhes direito no lombo.

## VIII

Reprovem o que está feito,  
 Não indicando outra fôrma,  
 Digna de serio conceito;  
 Querendo servir de norma  
 Nos fação lembrar de novo  
 Como equilibra-se um ovo.

## IX

Mas tudo que d'ahi parta,  
 Tudo quanto elles redigem,  
 Censurando livro ou carta,  
 Conserve o cheiro da origem,  
 Ostente de todo o modo  
 As impurezas do lodo.

## X

De pedantes uma roda,  
 Sociedade commandita,  
 Arcadia de fresca moda,  
 Cuida que desacredita  
 O poeta que se arroja,  
 Não sendo filho da loja.

## XI

Dos encomios a barganha  
 É commum entre os da *sucia*,  
 Mas tão conhecida manha,  
 Ou tão corriqueira astucia  
 Um grão de sal ainda bota  
 Nesta chistosa anedota:

## XII

Dous homens de bem conheço  
 (Um certo a um certo dizia)  
 E, com licença que peço,  
 Um é vossa senhoria!!  
 Agora reflecta, veja,  
 E julgue o outro quem seja!

## XIII

Está visto, ora essa é boa!  
 Responde logo o segundo,  
 E qual pregoeiro atrôa  
 As cinco partes do mundo:  
 Quem, senão vosmecê ha de  
 Igualar-me em probidade?!

## XIV

As obras do poeta vivo  
 Um philologo das duzias  
 No seu estylo incisivo  
 Uma por uma reduz-as  
 A pó, a cinzas, e a nada,  
 Logo á primeira pennada.

## XV

Elle emfim sómente approva  
 Poesias de defunto,  
 Porque ao poeta na cova,  
 Como lhe indica o bestunto,  
 Approvação holorenta  
 Póde servir de agua benta.

## XVI

Dos talentos da Colonia  
 Desenha bonito quadro ,  
 Porque *labor vincit omnia* ;  
 Dos cemiterios e do adro  
 Resuscita vãos expectros ,  
 Que nos dão lições de metros.

## XVII

Não pede aos vizinhos traste,  
 Não procura exemplos fóra ,  
 Apresenta por contraste  
 Um que, excedendo os de agora,  
 Disse em phrase zombeteira  
 — *Sabbado fez quinta-feira.* —

## XVIII

Lembrança tão espirituosa ,  
 E adubada de atticismo ,  
 Dá com tudo em polvorosa ;  
 Das profundezas do abysmo  
 Arranca o fecundo genio ,  
 Sem que o bom gosto condemne-o.

## XIX

Se ao marfim braços opacos  
 Poeta de hoje compára,  
 A censura fa-lo em cacos,  
 Achando incoherencia rara ,  
 Porque o vate aos dedos finos  
 Ousa chamar *crystallinos* !

## XX

Dos Timbiras o autor soffre  
Uma analyse prolixa ,  
Bem pensada e não de chofre ,  
Porque monotono fixa  
N'uma syllaba constante  
O assento predominante !

## XXI

Entre nós quem é poeta  
Encontra desses tropeços ,  
E recebe muita seta  
De maldizentes e avessos ,  
Que nada mostram de parcos  
Nem de justos Aristarcos.

## XXII

Não sabe onde tem a cara  
O litterato fedelho ,  
Que do estudo desertára,  
E pretende ser espelho,  
E norma , e padrão , e mira  
Ao poeta que se inspira.

## XXIII

Em sustentar o absurdo  
Emprega tanto descoco,  
Que póde ao surdo mais surdo  
Ensurdecer mais um pouco ,  
De sorte que sejam petas  
As acusticas trombetas.

## XXIV

Se algum dia um tal basbaque  
 Com fumaças de erudito  
 Me fizer qualquer ataque,  
 Sem formulario nem rito  
 Hei de manda-lo á tabúa,  
 E pô-lo no olho da rua.

## XXV

O censor despiedoso  
 Profere pessimas notas,  
 E, por despeito ou por gozo,  
 Vai mettendo logo as botas  
 No vate que não se dobra  
 Quando escreve qualquer obra.

## XXVI

Do demerito vem nome,  
 Do demerito vem fama,  
 E é por isso que consome  
 Um templo, entregando-o á chamma,  
 O distincto mentecato  
 Celeberrimo Erostrato.

## XXVII

Muito heróe, digno da tuba,  
 Restaura a proesa insana,  
 Em phantasia derruba  
 Novos templos de Diana,  
 E parvo acceita os desdouros  
 De justiceiros vindouros.

## XXVIII

Talvez por ser vesga a inveja,  
 Sem tramontana, sem rumo,  
 Cá debaixo este apedreja  
 O sublime genio a prumo,  
 Embora a pedra que solte  
 Contra a cabeça lhe volte.

## XXIX

Ainda assim não desiste  
 De arremeçar para cima,  
 Pois essa gloria tem chiste  
 Que aos estolidos anima,  
 E toleima como a sua  
 Só do cão que ladra á lua.

## XXX

¿ Se o sacerdote de Apollo,  
 Dando á luz primores de arte,  
 Leva pedrada e carolo  
 Todo o tempo e em toda a parte,  
 Deve o critico ser meigo  
 Para o versista que é leigo ?

## XXXI

Assim pois, se acaso apanho  
 Meia duzia de gilvazes,  
 Eu nem por sombras o estranho,  
 E, sempre disposto a pazes,  
 Confessarei, para obtel-as,  
 Ser de Phebo o *apaga-velas*.

## XXXII

Dos antigos e modernos  
 Qual é o alumno das musas  
 Que merece abraços ternos,  
 Ou benevolas escusas,  
 Se rende culto á verdade  
 E ataca a immoralidade?

## XXXIII

Commummente um bigorriha  
 Analyza e dá preceitos,  
 Desmorona toda a pilha  
 De imaginarios defeitos,  
 E ordena que os escriptores  
 Recolhão-se aos bastidores.

## XXXIV

Isto acontece na vida,  
 Antes que a morte succeda ;  
 Depois a sentença é lida,  
 E a injustiça então se arreda ;  
 Mas não pôde ao asno morto  
 A cevada dar conforto.

## XXXV

Ser louvado sob a lousa,  
 Já surdo ao serodio encomio,  
 Não ajuda a quem repousa ;  
 Sepultado a terra come-o,  
 Insepulto engorda e nutre  
 O corvo, o faminto abutre.

## XXXVI

Tem partidistas o vicio ,  
 E sectarios dedicados ,  
 Que no constante exercicio ,  
 Por mal de nossos peccados ,  
 Como se ella fosse pulha ,  
 Mettem a satyra á bulha.

## XXXVII

O satyrico entretanto  
 Debaixø de certas regras ,  
 Pondo as pessoas ao canto ,  
 Fustigando as acções negras ,  
 É missionario que ensina  
 Saluberrima doutrina.

## XXXVIII

Quando a critica apparece  
 Indecente e sem criterio  
 O sobrenome merece  
 De infamatorio dicterio ,  
 E o critico que nos julga  
 Døe-nos como døe a pulga.

## XXXIX

Da censura o disparate  
 É cousa sem cruz nem cunho ,  
 Embora, porém, não mate  
 Por valentia de punho ,  
 O censor *jaraticaca*  
 As pobres ventas ataca.

## XL

E que nariz tão sadio ,  
Ainda cheio de semonte ,  
Póde aguentar o bafio  
De tão asquerosa fonte ?  
Soffre o maior desacato ,  
E desarranjo no olfato .

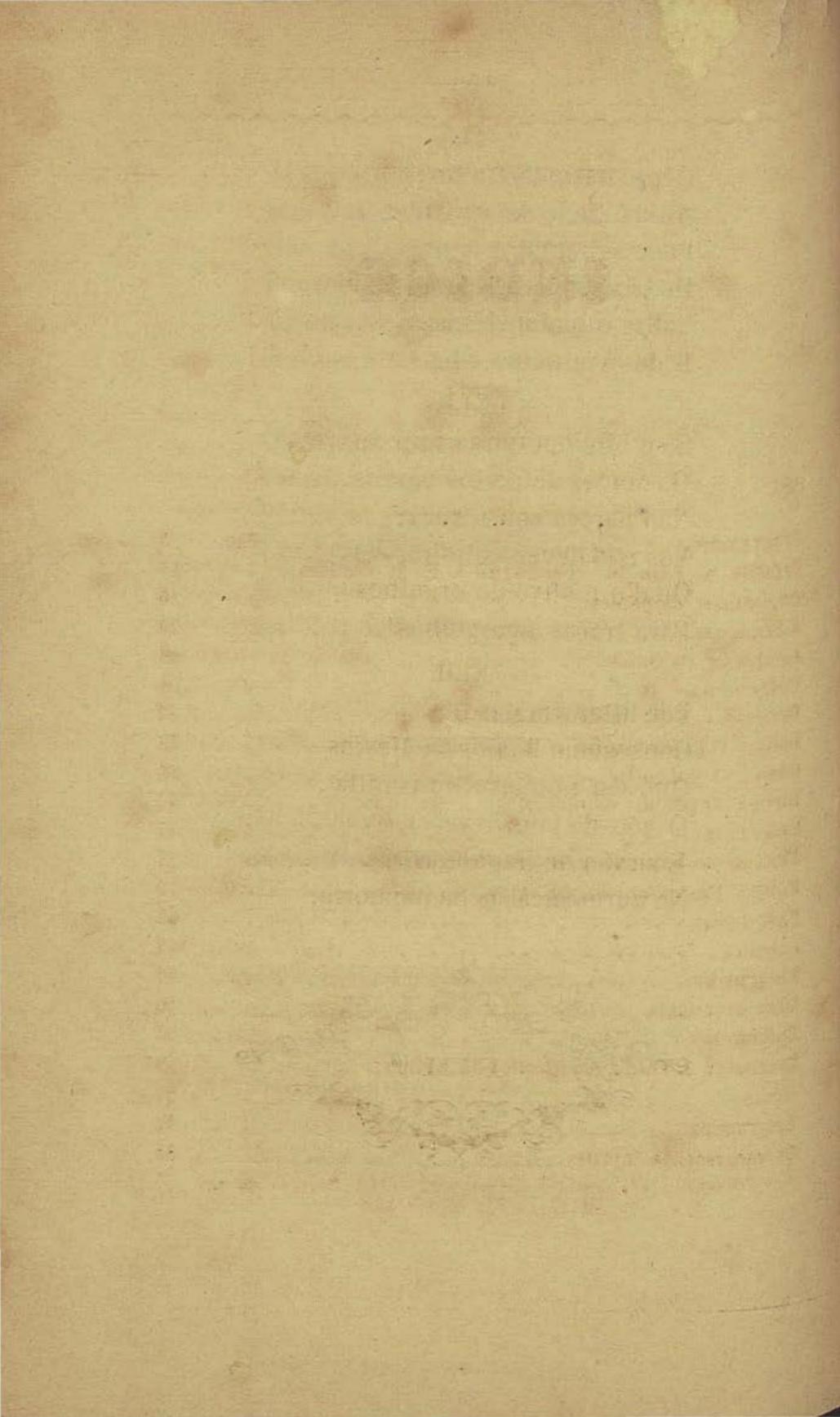
## XLI

Se o bibliographo exara  
Os nomes de certos parvos ,  
Não pareça cousa rara ,  
Vós não deveis admirar-vos !  
Qual o motivo de orgulhos  
Para traças e gorgulhos !

## XLII

Por litteraria desdita  
Conseguem Bavios ou Mevios  
Que seu nome se transmitta ,  
O vôo da fama leve-os,  
E sirvão de lixo e escoria  
No aureo alcáçar da memoria .





# INDICE

---

|  |      |    |
|--|------|----|
| Programma. . . . .   | Pag. | 5  |
| Epistola ao Exm. Sr. conselheiro J. F. de Castilho . . . . .   |      | 15 |
| Os sentidos corporaes . . . . .                                |      | 26 |
| A imprensa. . . . .  |      | 28 |
| Parabola : Os Quatis. . . . .                                  |      | 29 |
| Epigramma. . . . .   |      | 31 |
| Parabola : A queimada e os gaviões . . . . .                   |      | 32 |
| Idem : O passarinho . . . . .                                  |      | 35 |
| Idem : O jambo . . . . .                                       |      | 38 |
| Idem : O politico amphibio . . . . .                           |      | 40 |
| Epigramma. . . . .   |      | 42 |
| Testamento solemne com que falleceu Judas Escariotes . . . . . |      | 43 |
| Pulha : Pascoa no dia de cinza . . . . .                       |      | 50 |
| Epigramma. . . . .   |      | 51 |
| Supplica. . . . .  |      | 52 |
| Epigramma. . . . .   |      | 55 |
| Uma necrologia . . . . .                                       |      | 56 |
| Epigramma. . . . .   |      | 58 |
| Parabola : A Perdiz e o Ticotico do campo . . . . .            |      | 59 |
| Hymno . . . . .  |      | 62 |
| Epigramma. . . . .   |      | 64 |
| Os recursos da injuria . . . . .                               |      | 65 |

INDICE.

|   | Pag. |
|---|------|
| Epigramma . . . . .                       | 67   |
| Parabola : O Tamanduá . . . . .           | 68   |
| Origem divina. . . . .                    | 70   |
| Epigramma . . . . .                       | 72   |
| Idem . . . . .                            | 73   |
| Idem. . . . .                             | 74   |
| Parabola : Os Tucanos . . . . .           | 75   |
| Epigramma . . . . .                       | 78   |
| Traducção do hymno de S. Thomaz . . . . . | 79   |
| Desculpa. . . . .                         | 81   |
| Parabola : O pregoeiro e orador . . . . . | 83   |
| Um dia de annos. . . . .                  | 85   |
| Epigramma. . . . .                        | 86   |
| Idem . . . . .                            | 87   |
| Parabola : O Abacate . . . . .            | 88   |
| A Felicidade . . . . .                    | 91   |
| Epigramma . . . . .                       | 102  |
| Politica ou pelotica . . . . .            | 103  |
| O charudista . . . . .                    | 105  |
| Epigramma. . . . .                        | 108  |
| Idem. . . . .                             | 109  |
| As falcatruas de amor . . . . .           | 110  |
| Parabola: O peão cavalleiro . . . . .     | 114  |
| A probidade incompativel . . . . .        | 119  |
| Epigramma. . . . .                        | 121  |
| Turba multa . . . . .                     | 122  |
| Parabola: Heroes pintados. . . . .        | 146  |
| Epigramma . . . . .                       | 148  |
| Parabola: A Liga . . . . .                | 149  |
| A Semana Illustrada. . . . .              | 151  |
| Epigramma. . . . .                        | 152  |
| Cavaco . . . . .                          | 153  |